

# FALO

ano IV . # 20



**ALEXANDRE MURY**

**GUI OH**

**HENRY SCOTT TUKE**

**HACHE**

**DARRELL J. DINGES**

**NUDEZ CRISTÃ**

FALO® é uma publicação bimestral.  
novembro 2021.  
ISSN 2675-018X  
versão 20.11.21

edição, redação e design: Filipe Chagas  
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme  
Correa e Rígle Guimarães.  
site: Pedro Muraki

capa: *Ganimedes*, fotografia e produção de Alexandre  
Mury, 2012 (com intervenção do Ivo Caralhactus).

Zelo e técnica foram empregados na edição desta  
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação  
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a  
comunicação ([falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)) para que possamos  
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

## Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que  
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.  
Todos os direitos estão reservados e, portanto,  
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de  
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por  
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas  
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos  
criadores com permissão de direitos autorais ou  
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no  
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet  
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,  
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um  
artigo ou história relevante).

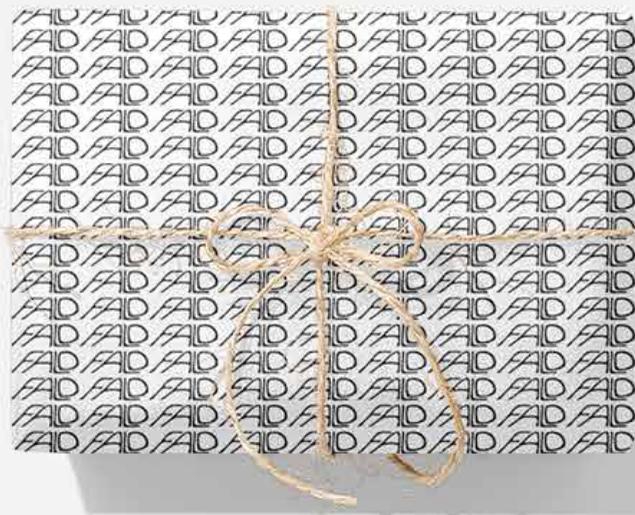
Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos  
autorais violados, entre em contato através do e-mail  
[falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) e procederemos da melhor forma  
possível.

## Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja  
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato  
através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com).



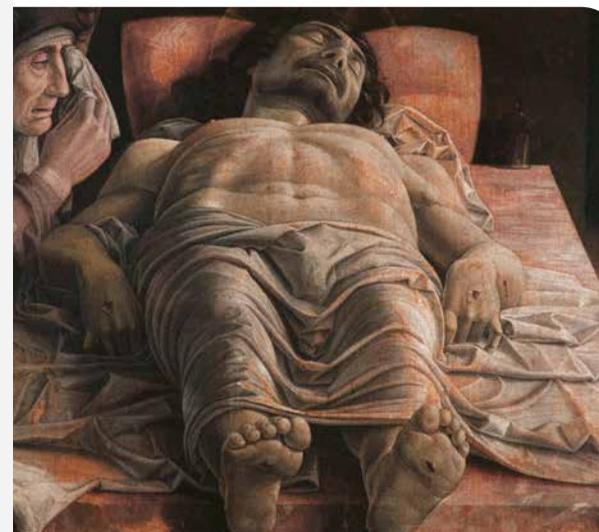
## Já comprou seu produto da Falo?



Clique aqui >>>

55

[colab55.com/@falo](http://colab55.com/@falo)



Alexandre Mury

6

Gui Oh

18

FALO DE HISTÓRIA  
Henry Scott Tuke

28

FALO EM FOCO

41

FALO DO OUTRO  
Hache por Enrique Soto

42

FALOGÉRIOS  
Darrel J. Dinges

48

FALORRAGIA  
A nudez cristã

58

FALÓFORO

68

BIBLIÓFALO  
Almanaque do Pênis Brasileiro

70

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

72

FALO com VOCÊ

74

moNUmento

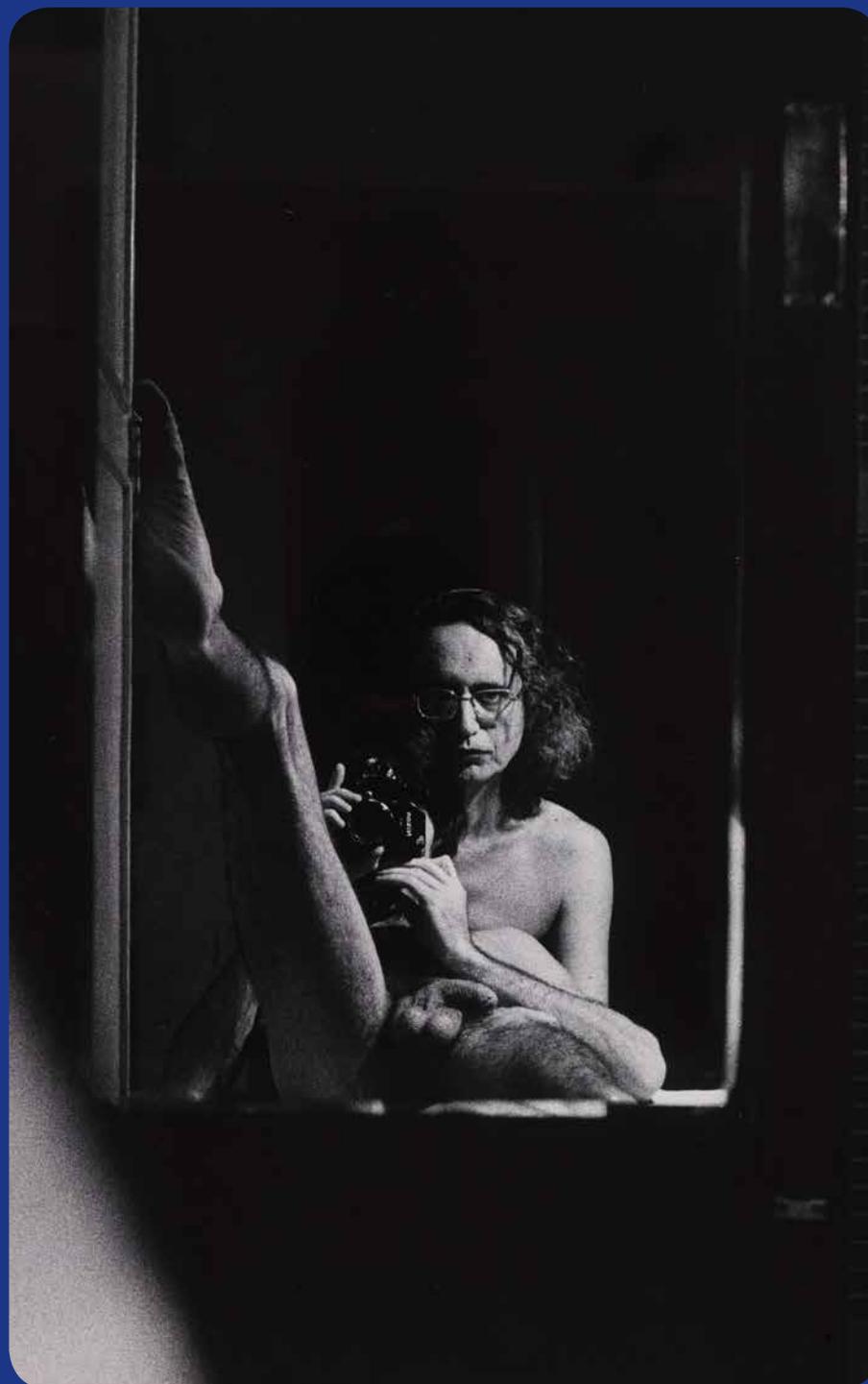
77

Vinte edições, minha gente! 20! Confesso que não acredito nesse número, pois parece que estou com o mesmo entusiasmo e as mesmas dificuldades do início, no já longínquo 2018. Não é um aniversário com data a ser comemorada, mas é um número bem significativo por várias razões, entre elas:

- Ser uma revista de Arte... quer dizer... uma revista de Arte [brasileira](#).
- Ser uma revista sobre nudez... quer dizer... uma revista sobre nudez masculina... perá!... uma revista sobre nudez masculina [brasileira](#).
- Ter passado por dois anos de pandemia (contando...), o que equivale a metade do tempo de vida do projeto.
- E ser feita por um homem só (com colaborações).

Mas existem outros números bem mais significativos, como ter chegado a mais de 60 países (alcançando TODOS os continentes) ou ter a presença de mais de 80 artistas nessas humildes páginas. E isso se faz oferecendo um conteúdo de qualidade com respeito ao tema e ao leitor/seguidor.

Essa edição é ainda uma BLUE EDITION, ou seja, por sair em novembro, ela entra em consonância com o Mês de Combate ao Câncer de Próstata, muda de cor e fica mais tempo disponível na página principal do site da revista. Por isso, ela também veio com uma novidade logo na capa: é a primeira vez que um fotógrafo assume o artigo principal da revista bimestral (não vale contar os anuais em inglês de fotografia, né?!). E não é qualquer fotógrafo... é um artista plástico e comunicador visual indicado ao Prêmio Pipa (2016) que tem verbete no Wikipedia e já foi até no antigo programa do Jô Soares! Ele criou um personagem incrível que deveria ser case em escolas de design e branding!



Tinha que ser o polêmico e incrível fotógrafo Alair Gomes em um autorretrato da série *Sinfonia de Ícones Eróticos* (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil) para ilustrar o editorial dessa edição.

De certa forma, a fotografia se tornou um fio condutor da edição. Tanto as ilustrações de Gui OH, quanto as pinturas solares de Henry Scott Tuke possuem enquadramentos fotográficos que nos tornam voyeurs das cenas retratadas. Para a coluna Falo do Outro, convidei o galerista colombiano Enrique Soto – da Galeria El Garaje, em Bogotá – que nos brinda com o trabalho fotográfico de Henry Narváez Perlaza, conhecido como Hache. Na coluna Falogérios, Darrell J. Dinges mostra sua fotografia e seus autorretratos que o transformaram em modelo para a Arte. Guilherme Corrêa convidou um outro fotógrafo para intervir na sua fotografia e a coluna Falóforo vem dupla. Claro que a seção moNumento traz mais uma foto de um leitor/seguidor e até a ilustração do Marlon Thor parece ser uma pose para a câmera!

Entretanto, é aqui que talvez esteja um dos artigos mais polêmicos que já escrevi: resolvi abordar a (semi)nudez de Cristo! Que venham as pedras, mas, para tentar evitá-las, consultei um grande amigo meu, o frei franciscano Roger Brunorio, que trabalha com arte sacra e museologia há tempos. Numa tarde imersa em publicações diversas e repleta de reflexões sobre a fé, o corpo, o olhar e a sexualidade, me senti apto a trazer esse assunto. Ao usar a Bíblia como referência, mostro também o quanto as interpretações e os desejos individuais (nesse caso institucionais, da Igreja) sobrepujam a real mensagem.

Rigle finaliza com a ideia de que devemos aprender a desapegar, aprender a deixar as coisas irem. Por isso, sugiro que você leia com calma a edição, pois nada está garantido no futuro.

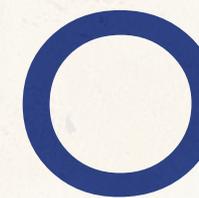
Filipe Chagas, editor

## Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

# Alexandre Mury

por Filipe Chagas



trabalho de releituras de obras de Arte em autorretratos fotográficos levou Alexandre Mury à uma grande exposição

midiática: de programas de TV, museus e galerias por todo o Brasil à verbete no Wikipedia e indicação ao Prêmio PIPA\* 2016. Contudo, ele é um artista visual multimídia que vai além disso.

A criação de Adão, 2011. Releitura da obra de Michelangelo (c.1511).

O que eu faço é fotografia? Não sei. Disponibilizo o meu corpo em uma estrutura complexa – muitas vezes grandes cenários, quase uma instalação – que se transforma em uma escultura no momento do clique.

entrevista para o Prêmio Pipa 2016.

Suas obras não são apenas fotografias, mas instalações temporárias e performances que acabam por ser capturadas pela câmera. É uma estética atual que define a heterogeneidade da arte contemporânea. –Vanda Klabin, curadora de sua primeira individual.



Ragaz com gato, 2011. Releitura da obra de Renoir (1868).

\* O Prêmio PIPA é uma iniciativa do Instituto PIPA, que busca apoiar, ajudar a documentar e a promover o desenvolvimento da Arte e de artistas contemporâneos brasileiros com, no máximo, dez anos de carreira, independente da mídia. O prêmio foi criado em 2010 para ser o mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais.

Mury já demonstrava seu lado artístico desde muito pequeno (“a professora Dolores do “jardim da infância” me chamava de Van Gogh”), mas ele conta que tudo começou como uma brincadeira em casa, nos anos 1990, onde fotografava com câmera analógica emprestada e produção improvisada – figurino, cenário e maquiagem com habilidades manuais que aprendeu com o pai marceneiro e a mãe costureira em São Fidélis, interior do Rio de Janeiro. De sua formação em Comunicação e seu amor pelo cinema ganhou ferramentas para entender de iluminação, encenação e direção.

Uma certa insatisfação com as interpretações dos modelos para suas ideias o levou a preferir os autorretratos. Com isso, o exercício de se colocar no lugar do outro acabou se tornando tanto um desafio para a própria identidade quanto um provocação ao espectador através de uma experiência estética muito particular: Mury estava reconstruindo a memória de obras clássicas a partir de sua materialidade, sem uso de softwares digitais, objetivando evidenciar as imperfeições do artificial e do artesanal. Nada mais antropofágico!

A produção de sua *Monalisa* exigiu transformações físicas: tirou a barba, o cabelo e até as sobrancelhas (“é o meu trabalho mais performático”). Tudo documentado em seu primeiro vídeo de arte (*Lisa*, 2013). Em *Estudo para Seurat*, Mury transformou a técnica pontilhista em uma chuva de confetes (“meu sobrinho e minha irmã me ajudaram nessa”), potencializando a essência da obra original e do movimento artístico de maneira simples, inventiva e divertida. Sua nudez nesta obra (e em outras, como *A Criação de Adão* e *Laocoonte e seus filhos*) revela não só a constante presença do corpo em sua produção artística, mas também o seu entendimento que a banalização do nu masculino através da arte é um ato político, que serve para reflexões sobre a sexualidade e liberdade de cada corpo.

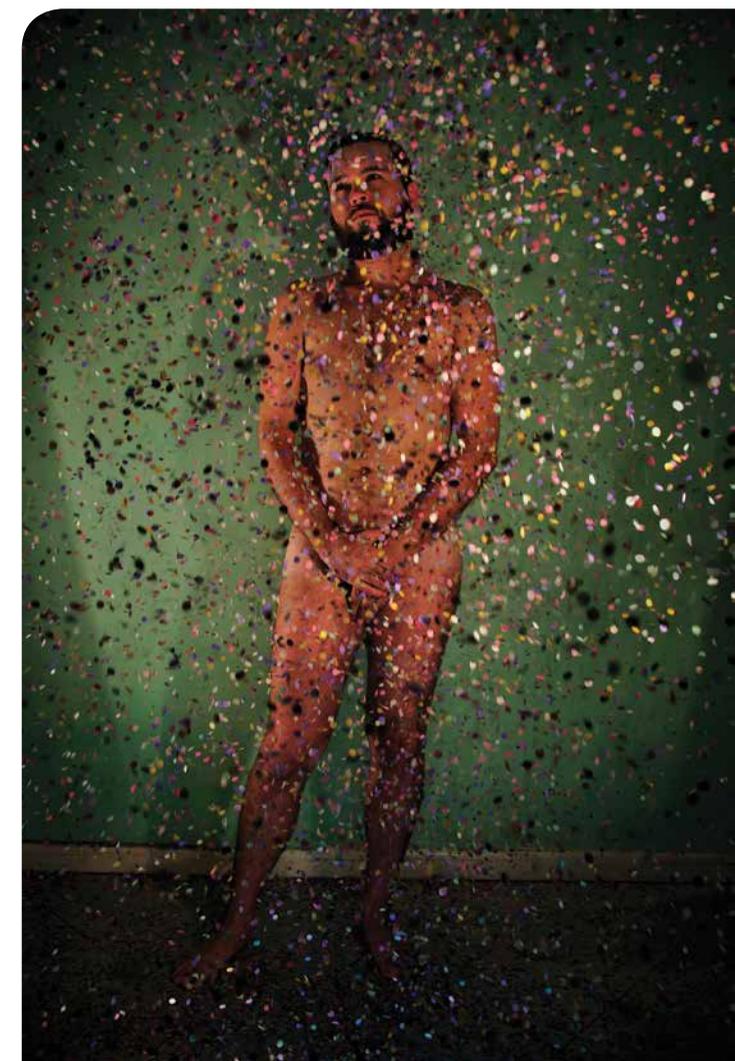
Seu processo criativo parte de uma intensa pesquisa imagética: para a obra *Ganimedes*, por exemplo, o artista conta que chegou a cerca de dez mil imagens de referência para chegar ao seu resultado original. Em seguida, inicia todo o processo de produção, que vai desde a maquiagem e os objetos cenográficos à encontrar o local ideal. Seu famoso *Abaporu* levou três dias, entre a busca de um cacto e de um local onde o pôr-do-sol ficasse exatamente no alinhamento, referenciando a composição dos elementos, como na obra original. Entretanto, Mury deixa claro que tudo faz parte de “uma teia de conexões com o passado, com o icônico e com o canônico, um namoro com o popular e um flerte com a erudição”:

*Estudo para Seurat*, 2011. Releitura de estudo para a obra *As modelos* de Seurat (1887).



*Monalisa*, 2013. Releitura de obra de Leonardo Da Vinci (1503).

Clique e assista o vídeo *Lisa* (2013).





Abaporu, 2010. Releitura de obra de Tarsila do Amaral (1928).

*Certa vez, um curador ficou muito interessado em conhecer o meu ateliê... e eu disse que meu ateliê era dentro da minha cabeça. Outra vez, um jovem artista pediu para assistir meu processo criativo... eu disse que o máximo que ele poderia ver seria o meu processo de execução da obra. Muitas das coisas que crio, não nascem de uma disciplina ou uma auto-determinação. As ideias surgem o tempo todo, até mesmo em sonho e cada trabalho tem seu próprio tempo. Entre a motivação e a realização podem se passar muitos meses.*



Acima: *O nascimento de Vênus*, 2010. Releitura de obra de Botticelli (1485).

Abaixo: *Oxumaré*, 2014.

Intrigado (e instigado) pelo universo narcísico da internet, começou a postar sua produção artística online:

*Eu tinha um canal no antigo Fotolog e postava fotos diferentes porque não queria me mostrar. Na verdade, queria me esconder, me expressar de modo criativo. E curtia muito: comprava perucas, fazia as roupas, criava os cenários, inventava maquiagem – como mel para simular uma lágrima, por exemplo – e me transformava em vários, num processo de experimentação solitário, na frente de um espelho. – entrevista para a Revista DASartes.*

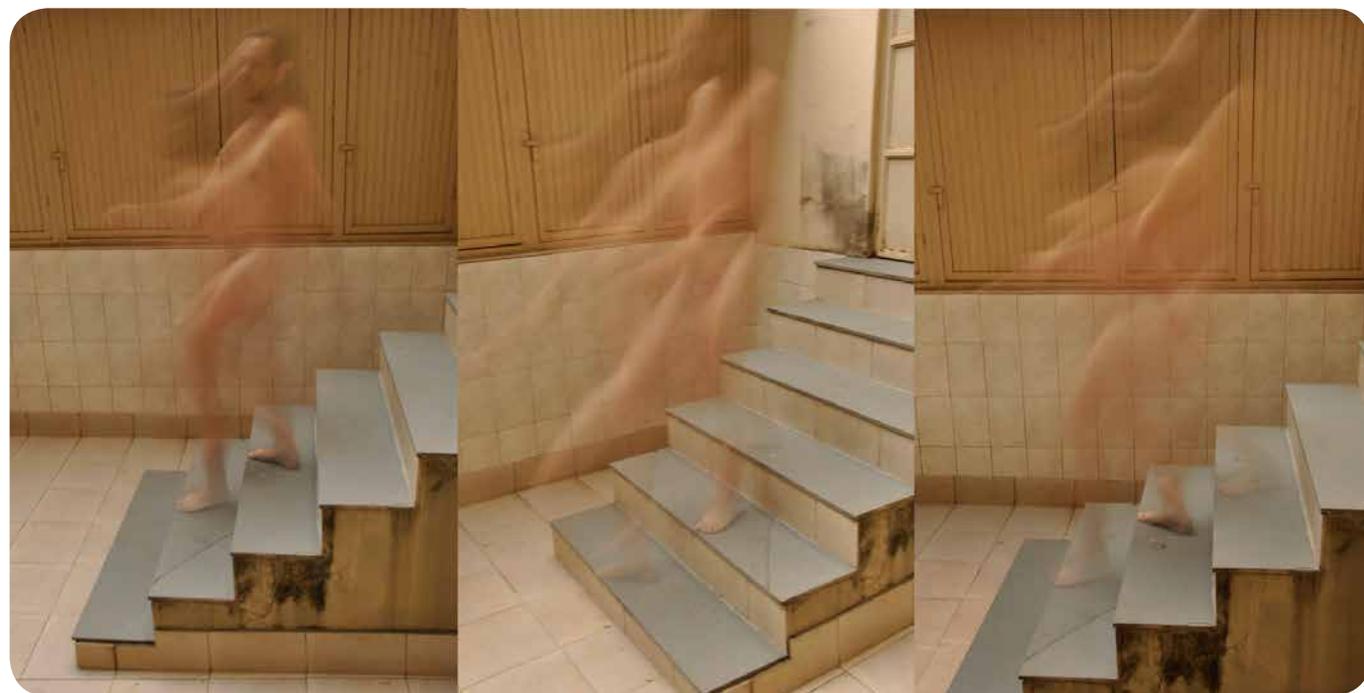
O retorno foi tão grande e positivo que acabou descoberto por um marchand. A partir daí (depois de alguma resistência), Mury largou a carreira de publicitário para se dedicar à Arte. Seus trabalhos foram parar em coleções particulares e expostos pela primeira vez em uma instituição cultural\*\*. Seu trabalho sobre os orixás revelou ao público que Mury não era só aquele humor kitsch que as releituras traziam, mas estava sempre buscando discussões pictóricas e simbólicas através de uma produção experimental e autoral.



\*\* Na mostra coletiva *Novas Aquisições 2007/2010* do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 2013, ocorreu sua primeira individual, *Fricções Históricas*, na Caixa Cultural do Rio de Janeiro.



Acima: *Netuno, e As três graças*.  
Abaixo: *Nu descendo a escada*. Releitura de obra de Marcel Duchamp (1912).





Acima: *Leviatã*, 2014. Releitura de gravura de Abraham Bosse para a capa do livro de Thomas Hobbes (1651) e *Leviatã*, escultura em técnica mista, 2020.

Ao lado: *Saci Cafuçú*, escultura em técnica mista, 2020.



Em 2015, Mury deu uma pausa nos autorretratos e começou a explorar possibilidades de narrativas fragmentadas e alimentadas em diversas plataformas e mídias. Um de seus projetos apresenta as lendas do folclore brasileiro em esculturas sensuais que exploram diversas mídias, materiais e técnicas de artesanato, desdobrando-se em desenhos, pinturas e bordados.

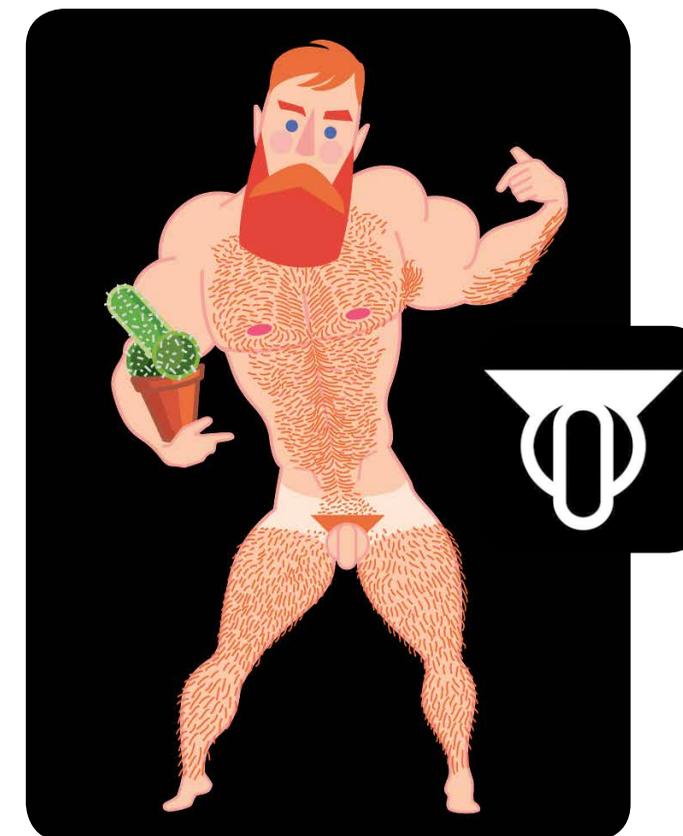
Simultaneamente, com inspirações nos movimentos Superflat e Neopop de Takashi Murakami, Yoshitomo Nara e Kaws, criou **Ivo Caralhactus**, um personagem cartunesco “triplamente fálico” (como gosta de sinalizar), como um ato de revolta com a censura de muitos dos seus autorretratos nas redes sociais:

*Eu queria ironizar o algoritmo e explicitar algo possivelmente constrangedor para puritanos e censores... que fosse incensurável! Então, eu geometrizei o falo, o púbis e a bolsa escrotal e, da forma que eu fiz, percebi que poderia ler “IVO”, uma contraposição a Eva. Cartoon nunca foi minha preferência, nem mesmo na infância, mas desenhei um corpo nesse estilo para contextualizar. Como sempre gostei de mitologia e simbologia, pensei em criar um atributo para acompanhar o personagem e facilitar a identificação... algo como a coruja de Minerva, o coelho da Mônica, a rosa do Pequeno Príncipe. Fui dormir e sonhei com um ser híbrido entre animal e planta que nascia de um cacto. Por isso, Ivo não tem umbigo. Ele é um cacto que anda, é mudo e tem pelos. Eva nasceu da costela de Adão; Ivo nasceu de um pedaço de cacto. Desenhei um cacto como planta de estimação que ele pudesse levar para passear. Para dar continuidade ao deboche, uma fusão entre “caralho” e “cactus” definiu o nome.*



Acima: *Homem Cactus*, 2014.

Abaixo: Ivo Caralhactus e seu nome / marca.





Acima: Abapiru. Ao lado: Ivo em várias mídias.

Abaixo: *Great Brazilian Nude*, releitura da obra *Bathtub* de Tom Wesselmann (1963).



Acima: *Mona Ivo / Ivoconda*.

Abaixo: várias composições gráficas com as letras I, V e O.



Encantado pelo corpo humano e pelas esculturas clássicas (“adoro desenhar e esculpir bundas desde pequeno a partir de um livro de arte grega”), Mury sempre tentou equilibrar as figuras masculina e feminina em sua produção artística. No entanto, o universo do Ivo aborda o que ele chama de “masculinismo”, que, diferente do machismo, tem um humor e uma perversidade que o torna ingênuo, descomprometido e tão cativante que conquistou muitos fãs no mundo todo e em casa: “Minha família considera que ele seja um filho real. Meus sobrinhos chamam ele de primo”, revela. O personagem entrou no circuito comercial como ação artística com intervenções múltiplas: pessoas do mundo todo podem adquirir objetos personalizados com o Ivo Caralhactus estampado ou objetos únicos feitos à mão pelo artista.

Sem dúvidas, ter sido professor por três anos de um curso de Comunicação Visual lhe deu o olhar sobre as letras I, V e O, que, por fim, se tornaram uma marca, uma identidade visual. Apesar de considerar difícil manter o controle da estética bem definida do personagem, Mury acredita que o Ivo Caralhactus passou a funcionar como válvula de escape e um possível alter ego “IVOluído”. Dele – tanto de Mury quanto de Ivo – só podemos esperar multiplicidades, provocações e muita Arte. 8=D

# Gui Oh

por Filipe Chagas



**A** masculinidade vem sendo questionada desde a primeira onda feminista no início do século 19. Dois séculos depois, toda a concepção de gênero passou a ser uma incógnita, resultando tanto em forças conservadoras, tradicionais e obscuras quanto em novas identidades e liberdades de ser. O embate tornou-se incontestável, porque, ao invés de ser questionado por outros, a própria figura masculina entrou em um processo de (auto) reconhecimento e desconstrução. É daí que nasce a Arte de Gui Oh (alter ego de Guilherme Oliveira).

blessed be the fruit.

Crescendo em um Brasil que insiste em se prender a raízes machistas potentes, Guilherme se viu constantemente buscando respostas para “o que é ser homem afinal?” fosse em si mesmo ou nos outros. Isso o levou ao interesse verdadeiro e particular em representar as características visíveis no corpo masculino que denotam o gênero e a virilidade, como o peito, as axilas, e a forma em que os pêlos cobrem a pele e quase falam, insinuam, sugerem e propõem concepções – como o púbis, que direciona o olhar e ativa a imaginação de forma indireta

(“O pênis e o escroto são detalhes, partes, não toda a resultante”). O artista vê uma imensa expectativa em medir masculinidade e poder a partir do tamanho do pênis e da ereção, mas é no estado normal que se encontram a verdadeira coragem e a força em se mostrar vulnerável. Por isso, pedia aos modelos que, antes de tudo, escrevessem suas experiências sobre “se tornarem homens”, das interações negativas e egos reivindicando espaço às amizades e bravuras que corriam sobre os temores e fragilidades.

*Nas definições do “ser homem” eu me sentia um grande excluído. Desenhar, pintar, esculpir e desarmar a forma máscula foi uma maneira para entender como isso se edifica dentro do sujeito. Quando penso no corpo do homem nu que eu esboço, não é uma objetificação: é o registo gráfico de uma vivência que acaba marginalizada, às vezes parte de uma comunidade segregada. E foi nesse processo de investigação e desconstrução que obtive as melhores reflexões para as tão complexas indagações sobre a masculinidade.*

Daí começa o seu amplo processo de criação, que é tão experimental, quanto sua trajetória pessoal profissional. Com formações relacionadas a Produção Multimídia, Artes Plásticas, Design e Gastronomia Japonesa, Gui Oh reúne de tudo um pouco – pintura, ilustração, recortes, texturas, mídias audiovisuais, Tom of Finland, Egon Schiele, David Hockney, Manabu Mabe, Salvador Dalí, Ingres, Oliver Sin – e, neste processo de construção visual, busca soluções, conversas, vivências, tempos e reflexões diferentes para cada obra.

*gallant nudity.*



*more than silence.*





construction idealized.

*Há elementos que continuam persistentes em meu trabalho, como a linha, que é o elemento gráfico mais imponente. Assim como a escrita tenta se definir e anunciar a sua natureza, aos poucos fui aliciando este elemento tão cheio de vida dentro da minha obra para que se quebrasse, ganhasse outra dialética ou que, ao menos, buscasse novos meios para se expressar.*



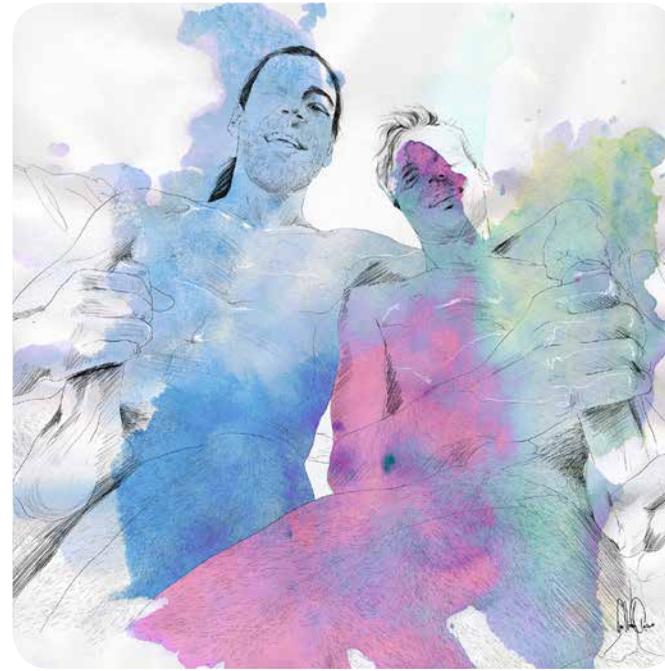
veracity of his own self.

Seu obstinado lado questionador também o faz relutante em se ver como artista. Chegou a produzir peças e poemas anônimos com pouco compartilhamento. Gui Oh acredita que foi durante a vida acadêmica, quando precisou persistir e defender seu trabalho de temática queer, suas motivações e questões sobre gênero,

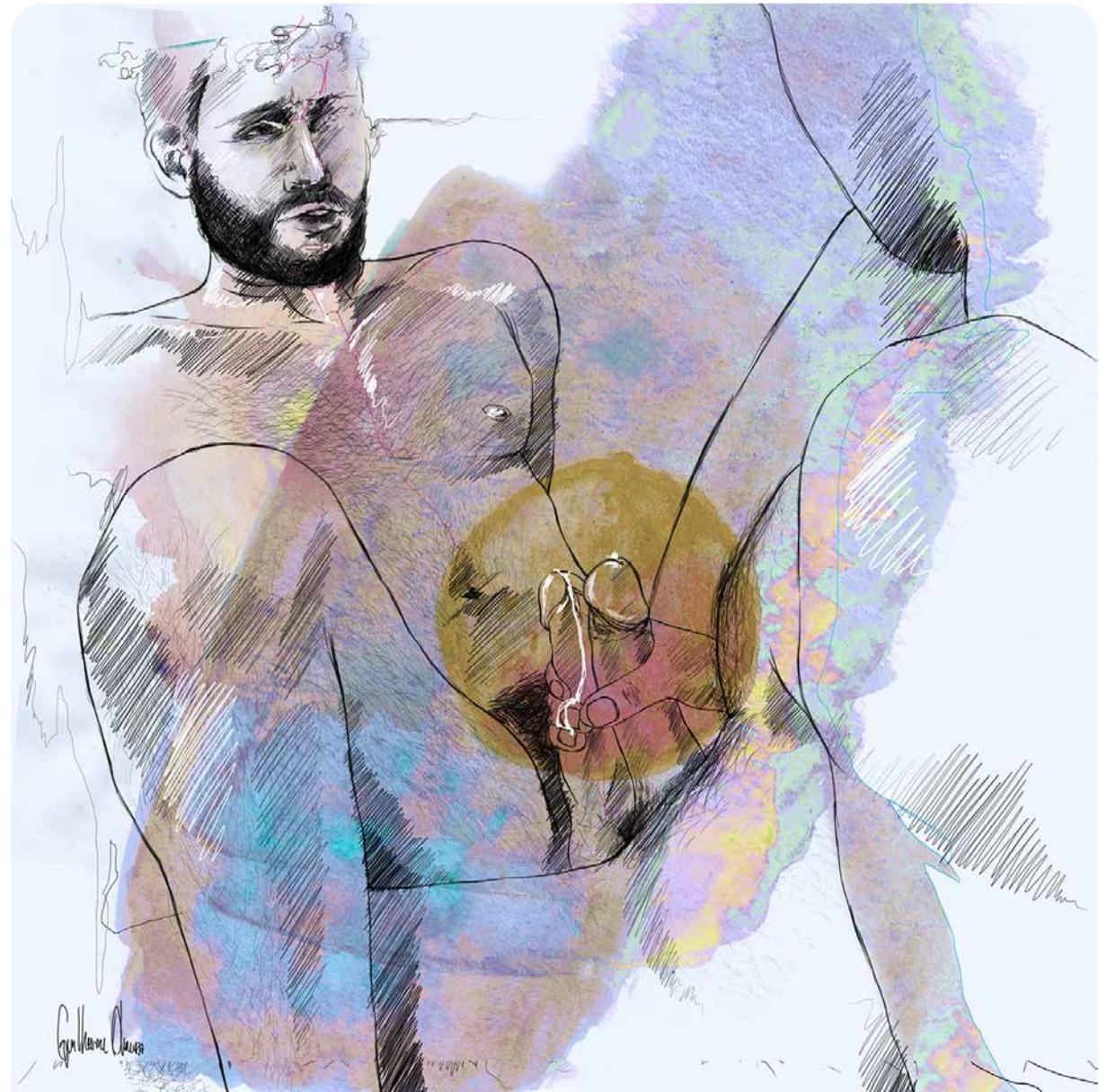
sexualidade e virilidade, que veio a segurança e o entendimento. Apesar da reação agridoce de algumas pessoas que questionaram até sua saúde mental por não saberem separar a obra do artista ou sequer sabiam confrontar o que viam, manteve a firme decisão de dar voz às suas inquietações e, como resultado, teve a

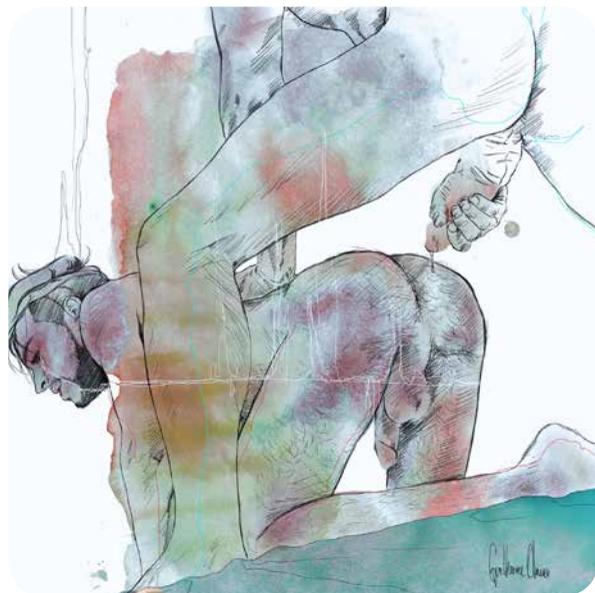


Acima: manic stasis. Abaixo: pre-programmed meanings e perverse gratification.



Acima: bromance e I would always... Abaixo: all the saints be praised.





oportunidade de expor, comunicar, conhecer outras vidas. Seu trabalho ganhou vida e foi se afirmando em espaços expositivos na Itália e em Portugal, em divulgação de filmes (*Wretched Things*, da Oxygen Films) e em publicações internacionais (Bonar Magazine).

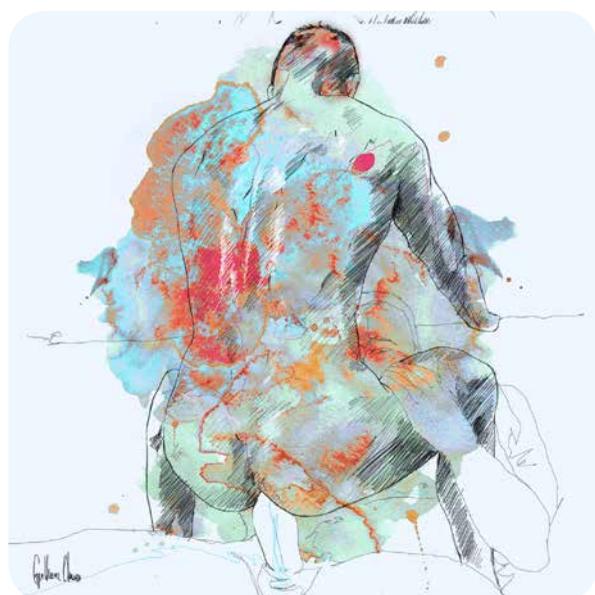
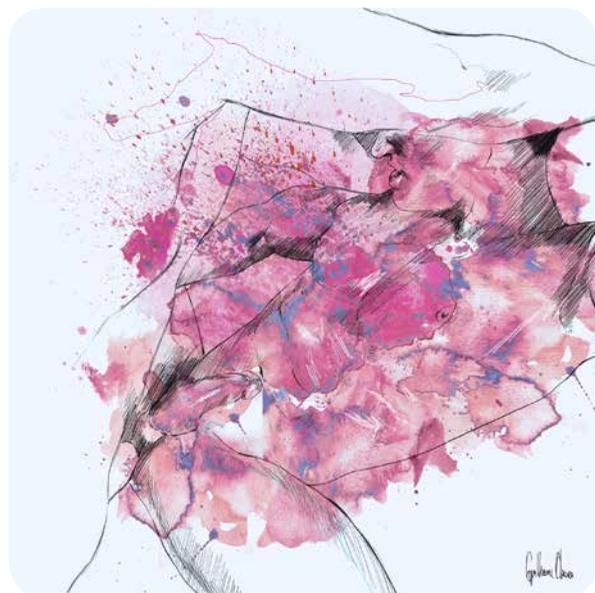
Envolvido em inúmeros projetos, Gui Oh quer aproveitar os assuntos que a sociedade vem debatendo nos últimos anos para continuar com as reflexões sobre seus anseios, sobre a construção do masculino e sobre sua própria vida, que entende como uma extensão de sua produção em constante transformação. **8=D**



Ao lado: *disseminated lies, the thrill of loving the unknown* e *distance*.

Todas as obras são em aquarela, pastel e lápis de cor sobre papel canson, desenho e edição digital.

Abaixo: autorretrato.



# Cirurgia plástica para você!



*Dr. Alcemar Maia Souto*

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 [alcemarmaiasouto@gmail.com](mailto:alcemarmaiasouto@gmail.com)



Falo de História

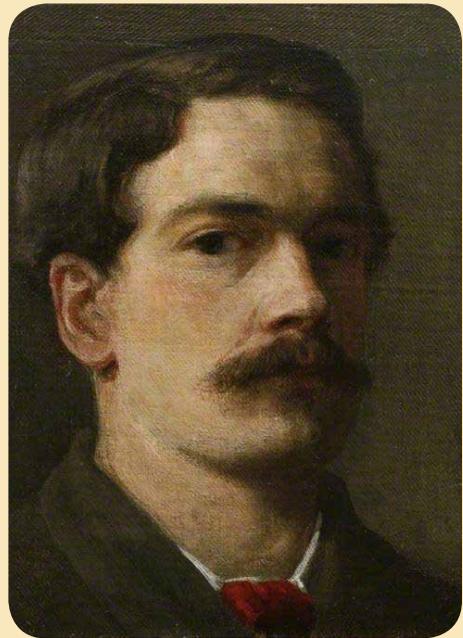
por Filipe Chagas

# Henry Scott Tuke

1858-1929

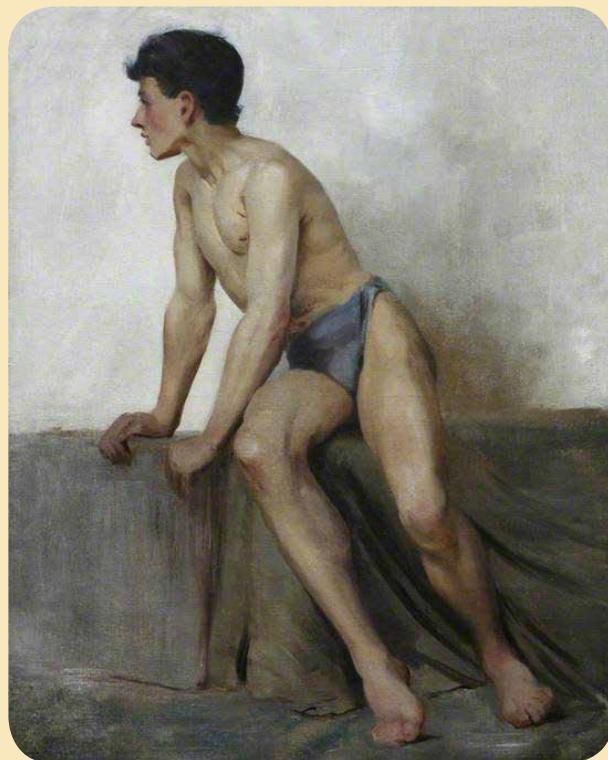


*Azul agosto*, óleo e aquarela sobre tela, 1894.



Autoretrato, óleo sobre tela, 1881.

Estudo de nu sentado, óleo sobre tela, 1877.



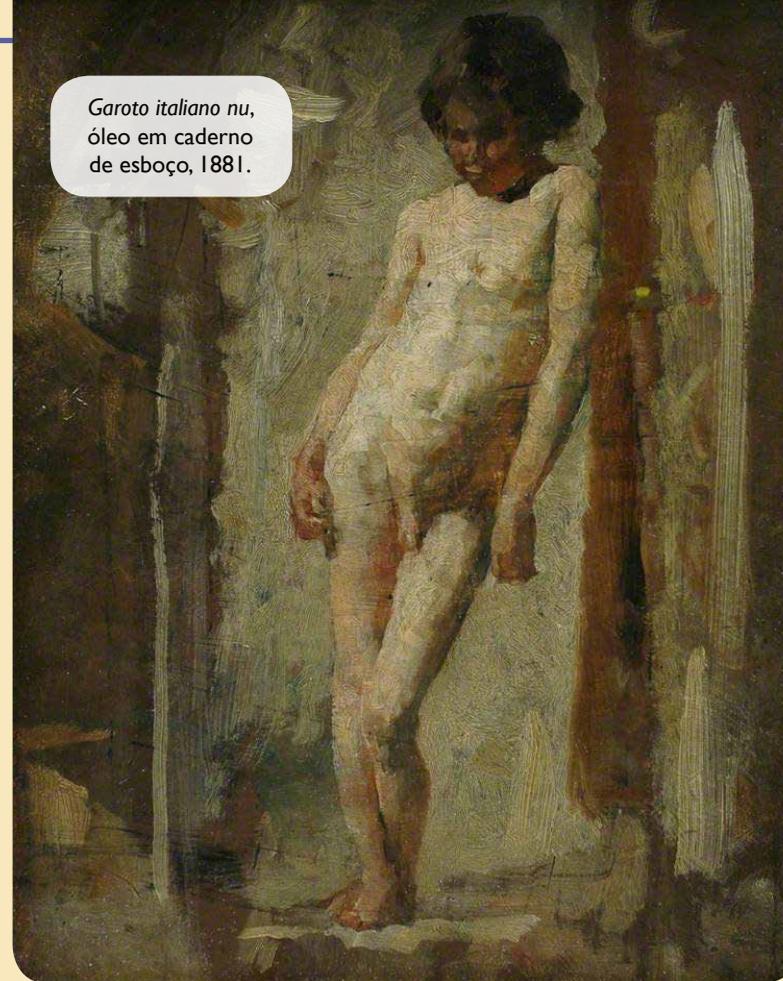
**A** pesar de ser um prolífico artista com mais de 1300 obras, **Henry Scott Tuke** (1858-1929) é provavelmente mais conhecido pelas suas pinturas de meninos e de rapazes nus em marinas, destacando-se no estilo impressionista. Houve um resgate de sua produção na década de 1970, quando foi redescoberto pela primeira geração de artistas e colecionadores de arte gays (Elton John, por exemplo) e sua Arte passou a obter preços altos em leilões.

Henry era o segundo filho de uma proeminente família inglesa quacre, que se mudou de York – onde nasceu – para Falmouth, de forma que o pai, médico psiquiatra e ativista, pudesse estabelecer consultório e tratar sua tuberculose. Junto a seu irmão mais velho, William, e sua irmã mais nova, Mary, aprendeu a ler e a escrever com uma governanta. Henry foi incentivado a desenhar e pintar desde muito pequeno, pois mostrava grande talento. Sua irmã revelou – na biografia póstuma que escreveu de Henry – que a infância deles foi muito feliz e os longos dias de verão passados na praia e a nadar nu no mar tiveram um efeito duradouro sobre o jovem artista.

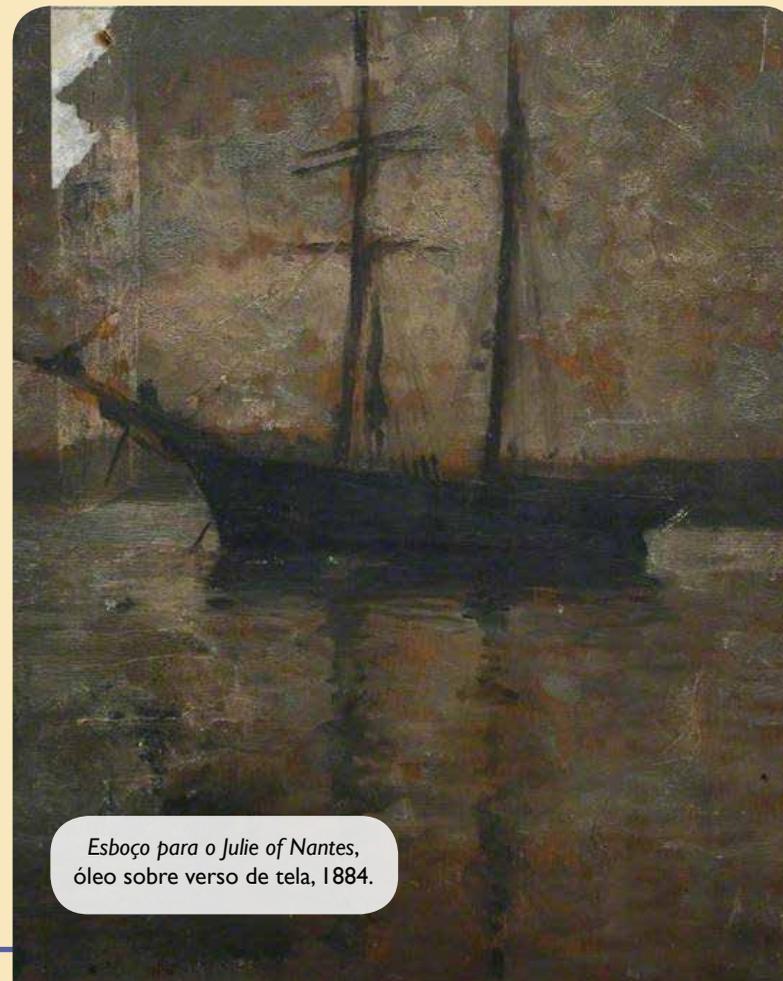
Em 1874, com dezesseis anos, Henry matriculou-se na Slade School of Art, em Londres. Inicialmente, seu pai pagou as despesas, mas, em 1877, Henry ganhou uma bolsa que lhe permitiu continuar a sua formação. Assim que terminou os estudos, em 1880, viajou para Florença e fez seus primeiros estudos a óleo de jovens nus masculinos em cenários mitológicos. No ano seguinte, foi para Paris, onde ficou por três anos aprendendo a pintar *en plein air*\* e conheceu John Singer Sargent.

\*Técnica impressionista de pintar ao ar livre para alcançar os tons puros da luz na natureza.

Garoto italiano nu, óleo em caderno de esboço, 1881.



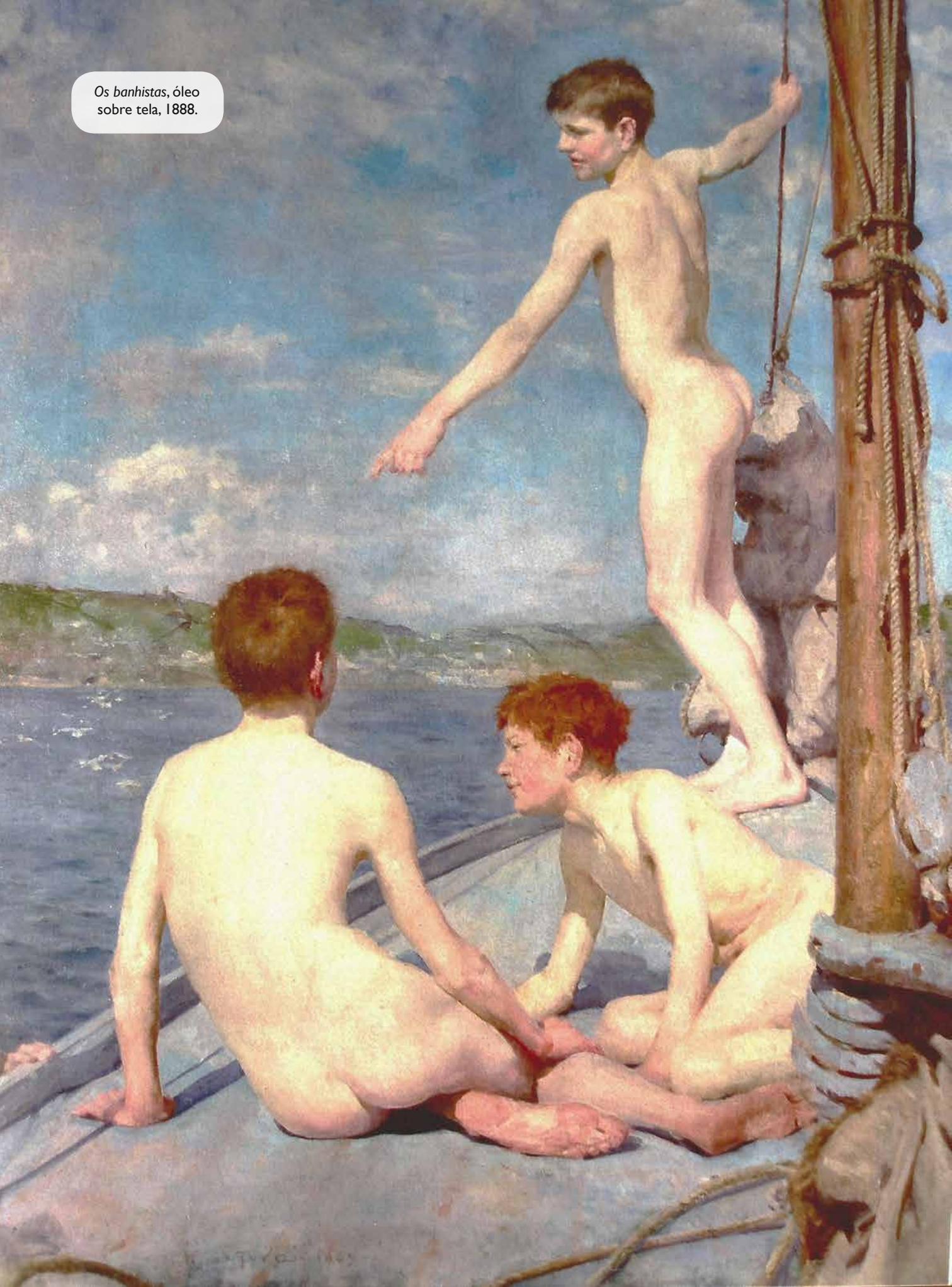
Esboço para o Julie of Nantes, óleo sobre verso de tela, 1884.



Decidiu, então, se mudar para Newlyn, na Cornualha, em 1883, onde alguns de seus amigos de formação haviam se juntado para criar a Escola Newlyn de pintores. Atraídos pela luz local, pelo estilo de vida barato e pela disponibilidade dos modelos, os artistas se encantaram pelo cotidiano no porto e o transformaram em temática principal. Lá Tuke pintou seu primeiro quadro com a temática de rapazes e barcos (*Summertime*, 1884).

Por ter um estilo mais impressionista – com pinceladas ásperas e visíveis – que seus companheiros academicistas, Tuke retornou a Falmouth em 1885 e pode viver do jeito que queria. Como o clima da região era agradável para banhos nus de mar, comprou um barco de pesca (o *Julie of Nantes*) e converteu-o no seu estúdio flutuante e casa de habitação. Seu interesse por cenas marítimas com rapazes a tomar banho, a pescar e a se bronzear em praias ensolaradas resultou em obras que exibiam cores quentes com efeitos realistas da luz natural refletida no mar e na pele. Seus primeiros modelos vinham de Londres, mas rapidamente fez amizade com vizinhos, filhos de empregados, alguns dos pescadores e nadadores locais, que se tornaram seus grandes amigos.

Os banhistas, óleo sobre tela, 1888.



Águas reluzentes, óleo sobre tela, 1910.

Tuke ia muitas vezes a Londres, pois Falmouth tinha uma boa ligação ferroviária com a capital, o que o mantinha conectado ao mundo da arte. Conheceu Oscar Wilde e John Addington Symonds, entre outros poetas e escritores que enalteciam o amor entre jovens homens. A sexualidade de Tuke não pode ser confirmada, mas ele abraçou abertamente o mundo dito urânico\*. Em um poema anônimo (atribuído a Tuke) chamado *Juventude*, ele lamenta a perda da liberdade erótica da Grécia antiga nos tempos modernos.

Essa celebração da antiguidade grega permitiu que Tuke (e outros) explorasse, retratasse e até mesmo legitimasse o desejo homossexual sem repercussões sociais ou perseguição. Embora tenha abordado brevemente a temática mitológica, uma influência clássica permaneceu em suas obras, especialmente na representação dos corpos escultóricos.

\* *Uraniano* é um termo do século 19 que se referia a uma pessoa que se acreditava ter uma psique feminina em um corpo masculino. Os uranianos celebravam e defendiam o desejo homossexual e recorriam a uma versão idealizada da Grécia antiga. Eles escreveram poesias em louvor ao “amor varonil”, contemporizando a tradição helênica perdida.



*Ruby, ouro e malaquita*, óleo sobre tela, 1902.



*Cupido e ninfas do mar*, óleo sobre tela, 1899.



*Verde e cinza*, óleo sobre tela, s.d.

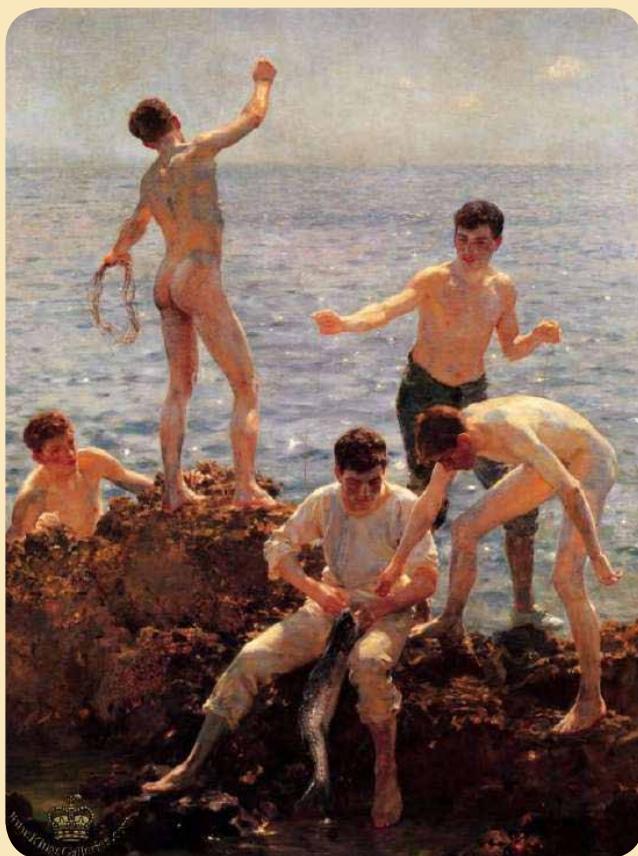
Por mais que suas pinturas agradassem seus amigos e os compradores de arte homoerótica, elas não tinham caráter explicitamente sexual, como as fotos de Wilhelm von Gloeden\*. Tuke não faz qualquer sugestão explícita de sexualidade: os genitais, por exemplo, quase nunca são mostrados. Quase não há contato físico entre os rapazes, mas muitas trocas de olhares que direcionam o fluxo visual e brincam com as possibilidades ocultas (ou não) dos acontecimentos. Grande parte das pinturas apresenta os personagens em contemplatividade, ou seja, de costas para o observador em enquadramentos fotográficos. Um voyeurismo nítido!

\*Ver a edição 13.

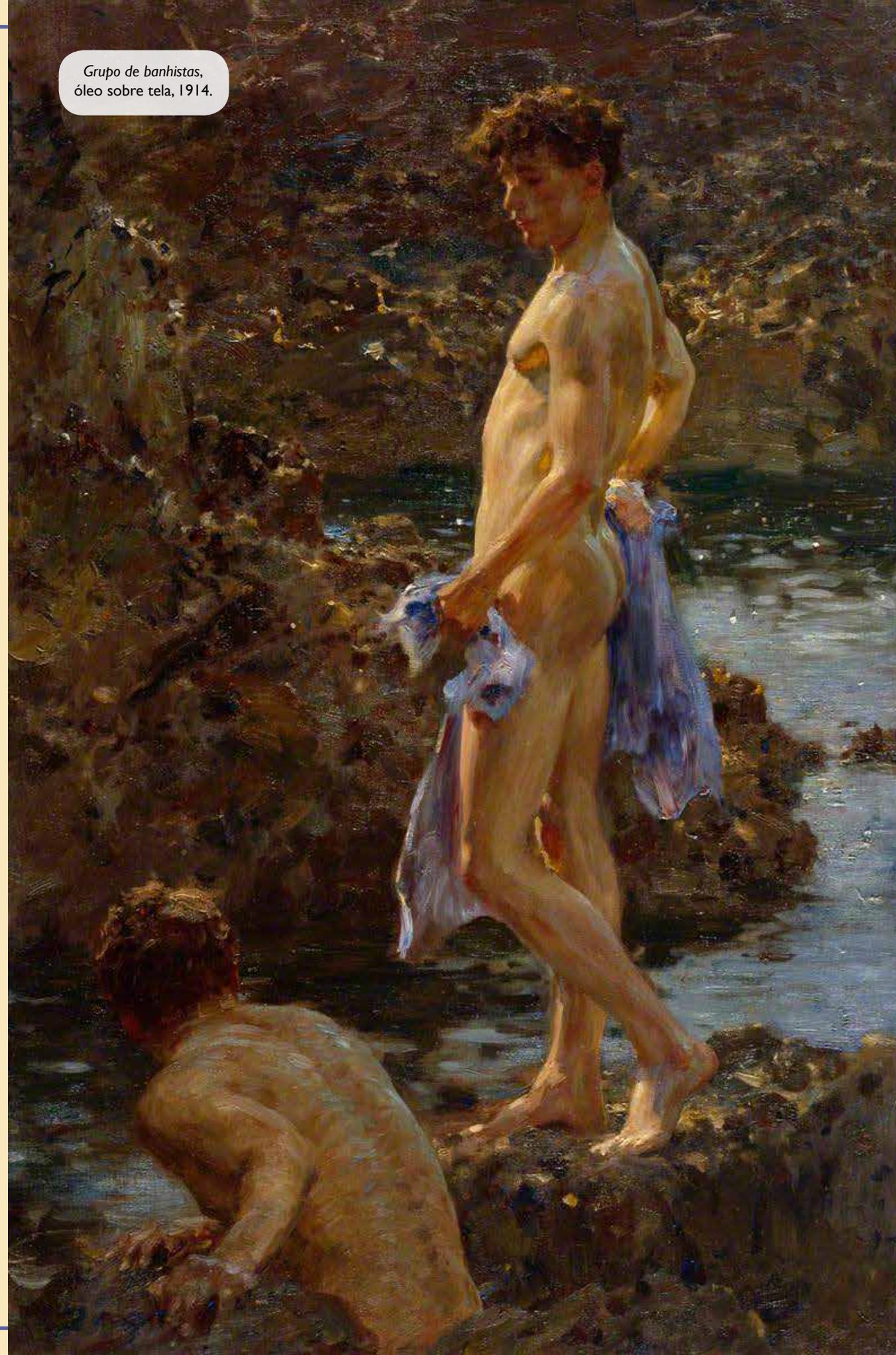


Acima: *Nu nas pedras*, óleo sobre tela, 1917.

Abaixo: *Amantes do sol (manhã de solstício de verão)*, 1922, e *Amantes do sol*, s.d., ambos em óleo sobre tela.



*Grupo de banhistas*,  
óleo sobre tela, 1914.





Os canais verdes, óleo sobre tela, 1926.

O trabalho de Tuke é mais sensual do que sexual, o que faz o espectador considerar o olhar de desejo e admiração entre homens. Seu interesse residia no contraponto entre a masculinidade corrupta da cidade e a masculinidade pura da vida rural que aparecia nos corpos jovens e bem torneados de seus modelos da classe trabalhadora em momentos privados de prazer longe do trabalho.

Tuke chegou a pintar alguns nus femininos, mas não tiveram tanto sucesso. Também recebeu várias encomendas lucrativas – retratos de figuras da sociedade, autoridades locais, membros do seu círculo familiar, paisagens e, principalmente, pinturas marítimas e de veleiros (costumava ficar fascinado com a beleza de um navio totalmente equipado e, desde a infância, conseguia desenhá-los de memória). Depois de expor o seu trabalho na Royal Academy of Art, em Londres, tornou-se um artista reconhecido e membro titular da Academia Real, em 1914.

No final da sua vida, Tuke estava consciente de que o seu trabalho estava fora de moda e já estava sendo esquecido. Isso é sabido porque o pintor manteve um diário detalhado durante toda a sua vida (dois volumes foram publicados depois da sua morte).

Em 1928, Tuke sofreu um ataque cardíaco e passou a ter sérios problemas de saúde, que o levaram à morte em março de 1929. Em seu testamento, deixou quantidades generosas de dinheiro para alguns dos homens que, durante a juventude, haviam sido seus modelos. Suas obras estão hoje em diversas galerias e museus, incluindo a Tate Gallery, que também possui documentos que fornecem não apenas os locais de suas pinturas e as relações com seus modelos, mas também suas lealdades artísticas, como sua profunda amizade com o pintor Thomas Cooper Gotch e sua esposa, ambos seus colegas na Slade School of Art. **8=D**



Calor de meio-dia, óleo sobre tela, 1903.  
Banhistas, aquarela, 1922.

Os críticos, óleo sobre cartão, 1927.

## Falo em Foco



*Pica de quarto*, acrílica e lápis sobre tela de Tom Wesselmann, 1978.

# Hache

por Enrique Soto

Quem vê as fotografias homoeróticas de Hache – pseudônimo de Henry Narváez Perlaza –, pode olhar somente para a tênue linha com a pornografia ou o narcisismo. No entanto, sua produção é um trabalho árduo de muito tempo e dedicação pessoal que vem antes da Arte em si.

O jovem Henry teve que lidar com questões físicas (artropatias) e emocionais (timidez) dada a sua condição de paciente com hemofilia. Ao descobrir a importância das atividades físicas como tratamento, dedicou-se a manter seus músculos e articulações fortes através de uma rígida rotina de exercícios e alimentação: corpo são, mente são.



Estúdio Hache. Cali, Colômbia, 2021.



Série Os Adãos do Vale das Ninfas, Tequila, México, 2007.

Também muito jovem, Henry costumava desenhar ou pintar nas paredes do quarto. Tinha prazer em cumprir com as tarefas de Artes do colégio, manifestando logo cedo seu interesse pela área. Por isso, ao terminar a formação em biologia marinha, percebeu que algo estava faltando. Ao ter contato com as obras de artistas do calibre de Ruven Afanador, Ever Astudillo, Miguel Ángel Rojas, David LaChapelle, Pierre et Gilles, Bob Mizer, Tom of Finland, Herbert List, Luis Caballero, Robert Capa, George Quaintance, entre muitos outros, entendeu que era hora de voltar a produzir artisticamente.



Acima: Jardim do Éden.  
Abaixo: Me coma.  
Ambos tirados em Cali, Colômbia, 2021.

Junte essas duas trajetórias pessoais e fica fácil entender que a figura masculina se tornou sua referência – e seu próprio corpo, sua ferramenta – quando começou a estudar artes plásticas:

*Minha catarse começou a deixar para trás temores que dificultavam processos em minha vida, como ser “Hache”, ser Henry Narváez Perlaza, ser gay, ser Biólogo Marinho e ser artista visual.*

Seu corpo esculpido diariamente é uma homenagem a todo seu esforço pessoal e não uma razão estética. Tornou-se um ato político no qual pode se manifestar perante a sociedade e perante si mesmo como artista:



*As categorias de arte me ensinaram que tudo é belo, do sublime ao horrendo, do amargo ao mais doce. Assim, a linguagem de como me expressar sempre esteve em constante busca, porque belo é um pênis grande como é pequeno, belo é um corpo robusto como é esguio, belo é um nariz grande como é pequeno nariz. Bonita é a juventude, fantástica é a idade adulta.*





Tefra. Cali, Colômbia, 2021.



Vamos na borda. Cali, Colômbia, 2021.

Para Hache, as duas possibilidades do pênis – ereto ou adormecido – tanto criam diferentes reflexões sobre poder quanto entram na possibilidade do desejo, da virilidade e da sensualidade. Dessa forma, o voyeurismo também desempenha um importante papel. Hache convida e incita o público a observar e explorar sua privacidade. Dominou sua imagem para saber seduzir e conquistar, mas também a surpreender o espectador com sua honestidade e segurança.

8=DO=8



O que desejas de mim?. Cali, Colômbia, 2021.

- [www](#)
-  Henry Narváez Perlaza (Hache)
-  Enrique Soto (Galería El Garaje)

# Darrell J. Dinges



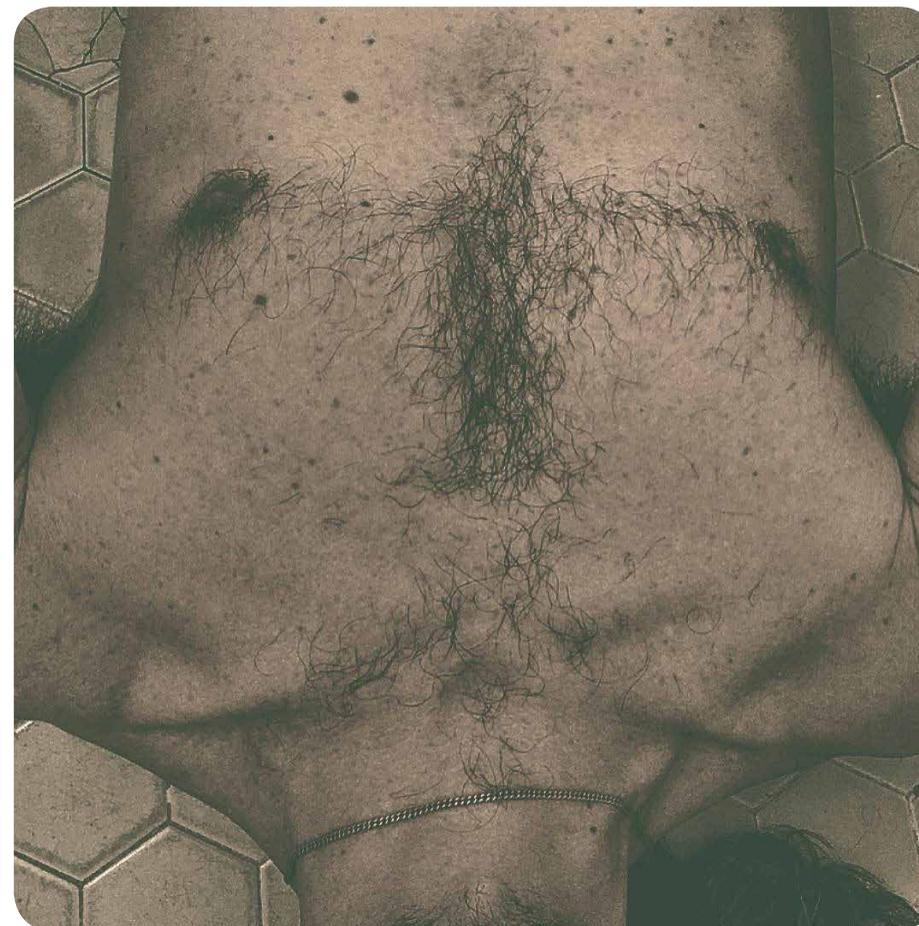
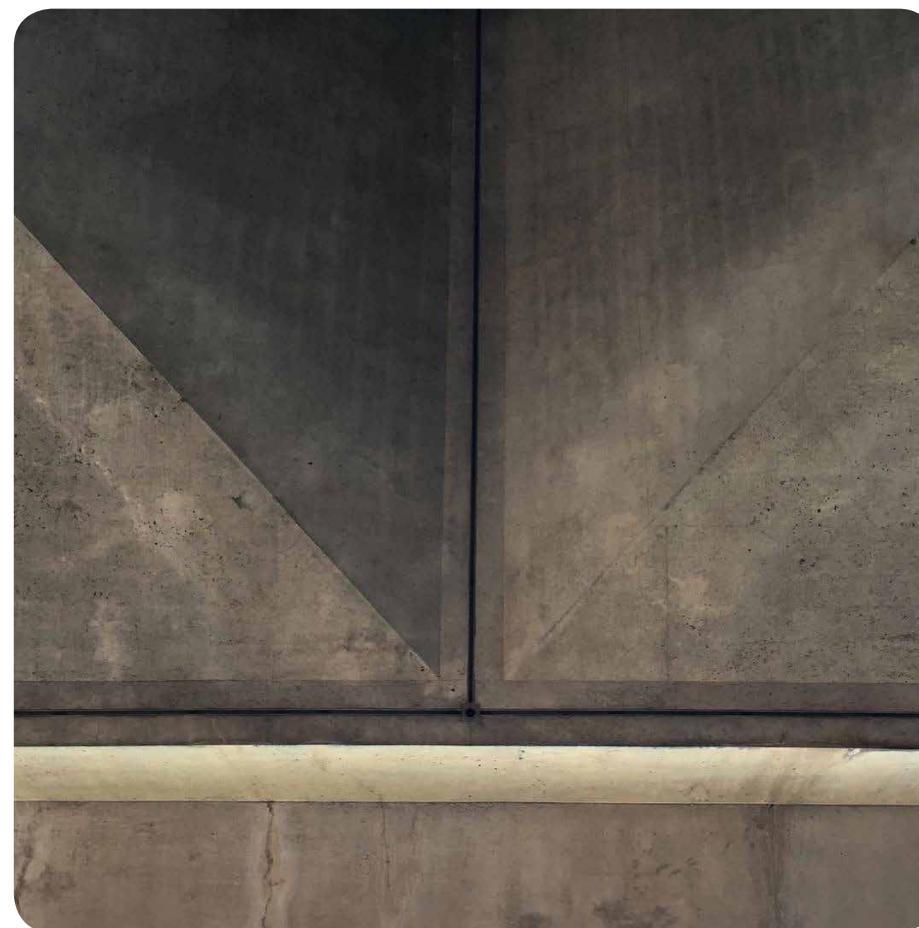
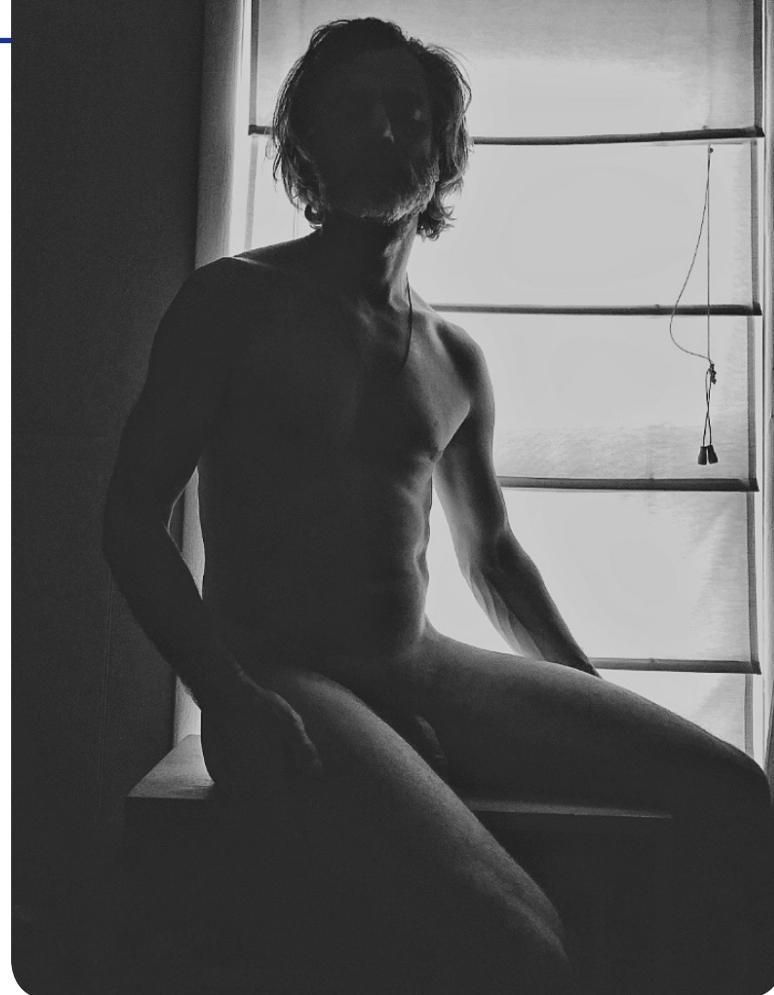
as formas do mundo  
às formas do corpo,  
Darrell se encontrou.  
Com generosidade e  
Arte!

**[FALO]** Oi, Darrell! Conte-me um pouco sobre você.

**[D]** Oi! Sou um designer arquitetônico que mora em Detroit, Michigan, há 54 anos. Adoro as quatro estações daqui, mas principalmente do verão para nadar e andar de bicicleta. Gosto muito de música, especialmente a americana, mas também de música brasileira – Caetano Veloso é um dos meus favoritos! Também gosto de arte de todos os tipos: visito galerias, conheço artistas, aprendo sobre seu trabalho e motivação. A fotografia é um hobby meu que tenho seguido mais a sério desde que criei uma conta no Instagram por sugestão do meu ex-colega de quarto da faculdade.

**O** que te levou a tirar fotos nuas?

Eu realmente gostava de ver as fotos criativas no Instagram e decidi que usaria o aplicativo para publicar fotos interessantes, incomuns e artísticas. Como arquiteto, sempre gostei de fazer fotos de edifícios - antigos, novos, em construção, em decadência - mas nus artísticos também me atraíram. E como eu estava me aproximando dos 50 e estava em boas condições físicas por causa do ciclismo, eu queria documentar essa condição e experimentar meu hobby redescoberto. Comecei a fazer nus inspirado pelo que eu tinha visto – com origens mínimas, alguns contre-jour e alguns focando em partes específicas do meu corpo – braços, mãos, pernas, pés e rosto. Foi um despertar para mim: fazer fotos nuas ajudou a me ver de maneiras que eu nunca esperava e elas se tornaram parte do meu processo de assumir.



Você se vê como um artista?

Eu me vejo como um artista fotográfico. Algumas das minhas fotos são impulsivas, casuais, tiradas quando sou arrebatado por uma visão ou uma oportunidade. Outras, eu planejei, estudei, considerei e editei várias vezes para criar o clima e projetar o sentimento que procuro expressar.

E o que te levou a ser modelo para artistas?

No Instagram encontrei artistas fazendo e postando retratos de homens – muitos nus. Segui aqueles que admirava e pude conversar (com os que se mostraram abertos) para expressar minha gratidão e aprender sobre seu trabalho, sua inspiração e seu processo. Alguns deles se ofereceram para me desenhar. Fiquei intrigado e, claro, honrado por ser convidado para ser modelo.

Fotos e autorretratos de Darrell.

Lápis de cor de Brian  
Lloyd Baxter, 2021.



Carvão e aquarela de J. Carino a  
partir de uma sessão virtual, 2020.

53

Como funciona? Você aborda os artistas ou eles o convidam? É uma sessão de modelo ao vivo (atualmente virtual), uma foto tirada por você ou uma foto profissional?

Quase sempre espero que um artista se ofereça para me desenhar, porque, se ele tiver interesse, se meu olhar, meu trabalho fotográfico, minhas imagens corporais os intrigaram, então, é um trabalho mais criativo e uma criação honesta. A maioria dos artistas que posei trabalharam a partir de fotos, o que lhes permitiu levar o tempo que precisam – quando e onde o desejo ou inspiração os atingir.

Trabalhei como modelo ao vivo principalmente para artistas americanos, mas também para um na Grã-Bretanha – apenas virtualmente. Gostei muito de ser capaz de falar com os artistas enquanto eles criam e, muitas vezes, ver o progresso à medida que ele é feito. Dependendo de onde eles estão localizados, pode ser difícil organizar sessões devido às diferenças de agenda e fuso. Trabalhar a partir de uma foto me permite colaborar mais livremente com artistas ao redor do mundo, e me permite um pouco mais de controle da imagem porque eu criei o post.

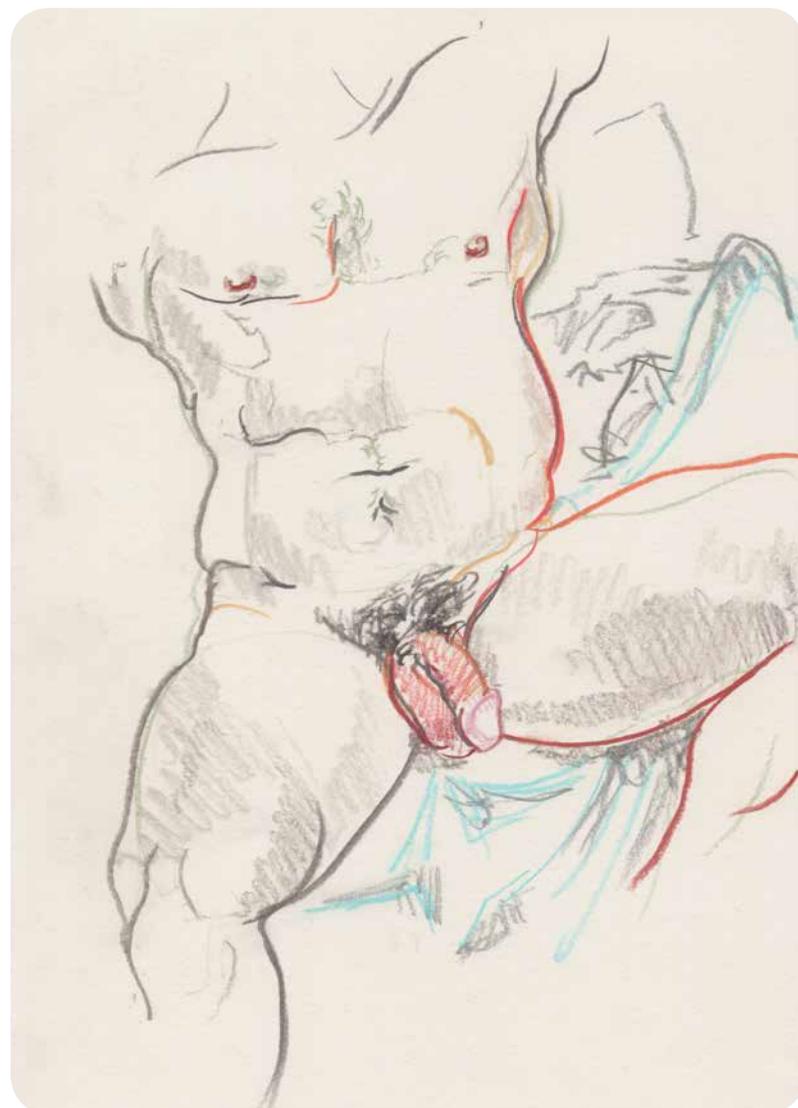
Você se lembra de sua primeira colaboração?

Não tenho certeza, mas acredito que foi um artista que foi censurado no Instagram. É tão bobo quando você vê o trabalho: é um desenho simples de mim nu em pé. É arte e nada menos. Gostaria de saber se ele voltou.

Eu me lembro do primeiro (e único) fotógrafo para quem posei nu: Wesley Taylor em Chicago. Eu estava um pouco nervoso, mas ele me fez sentir muito confortável. Comecei totalmente vestido e ele tirou várias fotos. Então, tirei alguns itens e ele tirou mais fotos até que eu fiquei nu. Foi gradual, gentil e agradável. Estou ansioso para fazer isso de novo.

Qual a importância de mostrar o nu frontal masculino?

Bem, somos todos humanos e temos as partes que temos. Metade do mundo tem um pênis, e qual é o problema? Claro que eles são todos diferentes e isso os torna interessantes, mas existem diferentes crenças ao redor do mundo sobre a nudez. Eu acredito que a nudez é natural, então, sim, eu sou um homem e meu pênis foi desenhado ou pintado várias vezes – às vezes como foco do trabalho, outras vezes, apenas outra parte do meu corpo. Quero dizer, é claro que todos nós temos nossos gostos e desgostos, mas se você admira o corpo humano, certamente gosta das complexidades, das curvas, dos perfis, das texturas e das diferenças. Eu definitivamente gosto.



Desenho à lápis de cor de Matthias Neu, 2020.

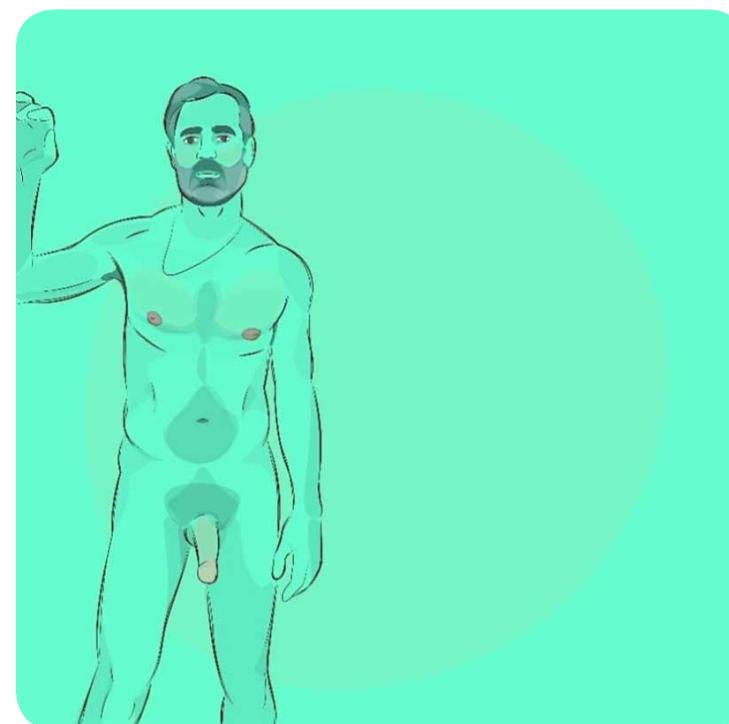


Ilustração digital de El Marica que dibuja, 2021.

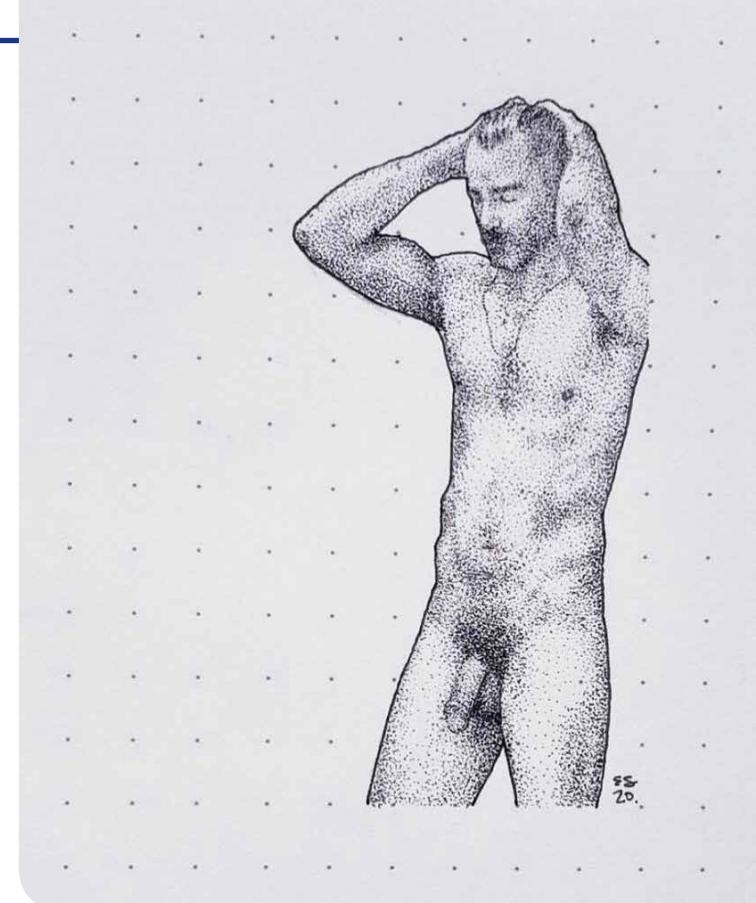


Ilustração em nanquim sobre papel de Pinch Illustrations, 2020.





Você vê alguma mudança na aceitação da figura masculina como objeto de arte?

Acho que a figura masculina foi aceita como arte por séculos em várias culturas. Não entendo totalmente porque agora parece controverso. Suponho que tenha a ver com o patriarcado e a insegurança daqueles que querem impô-lo. Acho a censura como a do Instagram muito arbitrária, aleatória e sufocante para os artistas. Certamente, somos levados a criar dentro dos limites vagos de quaisquer “diretrizes” da mídia social. Nós criamos porque desejamos ou precisamos nos expressar, e se há um público, eu não acho que realmente importa. Claro que é gratificante receber reconhecimento, incentivo e críticas construtivas são apreciadas por aqueles em quem você confia, mas, no final, a árvore ainda cai na floresta.

Você tem algum conselho para quem busca trabalhar com Arte e Nudez?

Ame-se. Seja você mesmo e crie para você mesmo. Não ganhei dinheiro com meus nus (e apenas um pouco com minhas fotografias de arquitetura). Isso não vai reduzir meu desejo de me expressar por meio da arte.

Algum plano para o futuro desse tipo de trabalho que você está fazendo?

Vou continuar a fazer minhas próprias fotos, aprendendo e crescendo à medida que faço. Adoraria publicar um livro, talvez uma exposição. E posarei para artistas, desde que tenham interesse em fazer arte comigo.

Muito obrigado, Darrell. Foi um prazer.

O prazer foi meu!

8=D



Ilustração digital de Quicky Booty Pleasure, 2021.



📷 Darrell J. Dinges

📷 Wesley Taylor

📷 Brian Lloyd Baxter

📷 J. Carino

📷 Matthias Neu

📷 El Marica que dibuja

📷 Pinch Illustrations

📷 William Donovan

📷 Quicky Booty Pleasure

# A nudez cristã

por Filipe Chagas



Olhe detalhadamente.

Sempre que temos um corpo nu exposto pela Arte, temos também uma reação negativa imediata das igrejas cristãs e de seus seguidores. Independente das razões da nudez, a religião e os dogmas aparecem como justificativa para questionar e censurar. Wagner Schwarz, por exemplo, sofreu um linchamento virtual por religiosos quando expôs seu corpo em uma performance privada (2017). Ou, então, Rafael Dambros, que sofreu inúmeros ataques de grupos religiosos à sua exposição *Santificados*, onde retratou pessoas comuns como figuras bíblicas (2018).

Mas será que nunca questionaram (ou ao menos notaram) que a imagem de Cristo está seminua?

Ou será que a intenção no olhar altera a percepção?

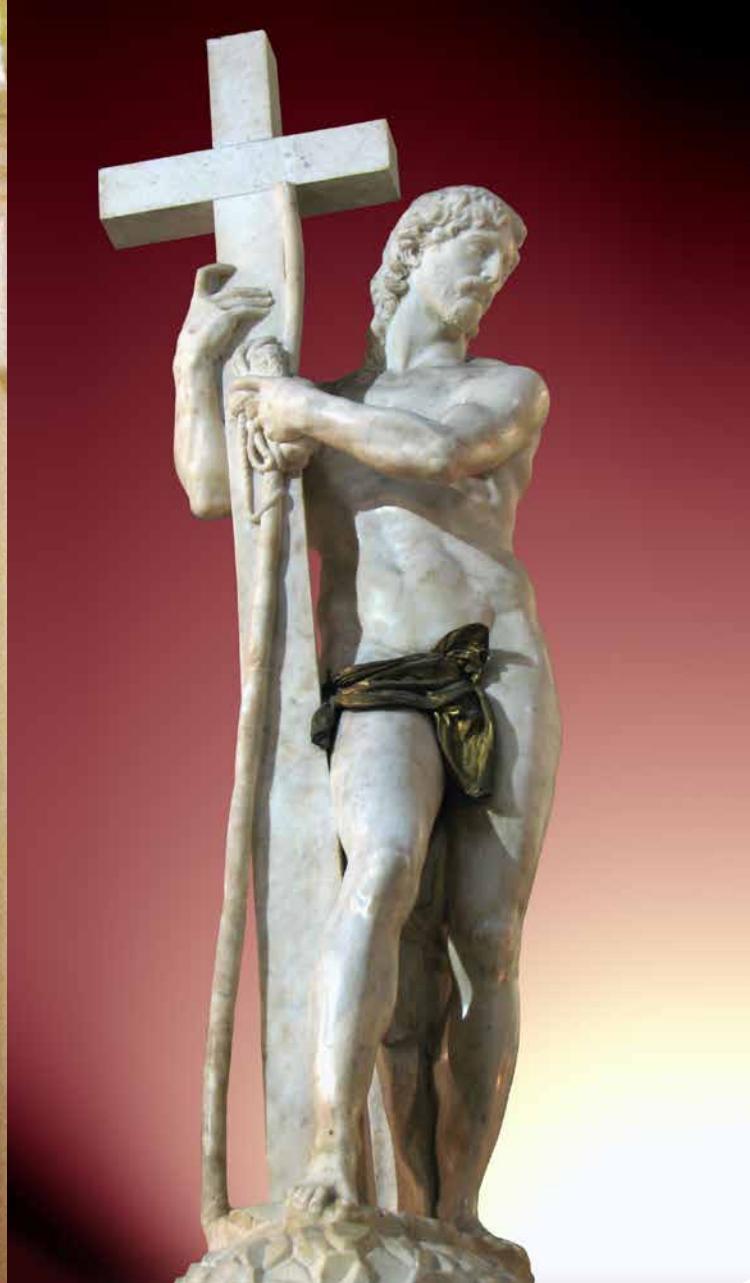
Imagina-se que ninguém olha para a estátua de Cristo na cruz com desejo. Porém, isso significaria que, ao censurar a Arte, os críticos estão com um olhar lascivo para a nudez artística.

Será esse o ponto, então?

Veja a *Cruz de São Damião* (na página anterior) – que ficou conhecida como *Cruz de São Francisco de Assis*, pois foi ao pé dela que, em 1205, um penitente Francisco\* teria ouvido: “Vá e repara minha casa que está em ruínas”. Este ícone medieval possui forte influência estética oriental, vista principalmente nos traços faciais, cabelos, esquematização linear e ausência de perspectiva. Agora olhe mais de perto e detalhadamente a barriga de Cristo. Você enxerga um abdômen geometrizado ou um pênis com o saco escrotal?



\* Francisco também ficou conhecido por um ato de nudez. Filho de comerciante, viveu grande parte de sua juventude aproveitando-se da situação financeira do pai. Era um jovem fanfarrão, que não gostava de estudar ou trabalhar, apaixonado por roupas caras e da moda, bebia sem moderação e usava linguagem chula. Participou do exército de Assis em duas batalhas, mas acabou prisioneiro. Na prisão, refletiu sobre sua vida e, ao ser libertado, passou a doar tecidos da empresa de sua família aos pobres e vender alguns a preços baixos para obter dinheiro para igrejas. Em 1205, ouviu o chamado de Deus na igreja de São Damião. Acusado pelo pai de roubo, ficou preso no porão de casa, de onde foi salvo pela mãe. Ainda perseguido pelo pai, foi buscar ajuda em uma igreja. Decidido a seguir na vida religiosa, retirou toda a roupa que vestia e entregou-a a seu pai, renunciando à herança e evangelizando por meio de uma ação física dramática e impactante (*ars concionandi*). O bispo tirou seu manto e cobriu Francisco. Em 1226, próximo de sua morte, pediu aos seus irmãos franciscanos que o colocassem nu no chão, assim que o vissem entrar no momento de agonia final, pois era assim que desejava encontrar Deus: em nudez absoluta.



Ambas também podem ser chamadas de *Cristo portando a cruz* ou *Cristo portacroce*. A primeira versão também ficou conhecida como *Cristo della Minerva*, por estar na Igreja de Santa Maria sopra Minerva, em Roma.

O que falar do *Cristo Redentor* de Michelangelo, uma nudez frontal em toda sua glória renascentista!?! E atenção: não tem só um não, tem dois! Ambas são um retrato de Cristo inteiramente nu, em contrapposto\*, segurando a cruz e outros objetos de seu martírio – a vara com que foi açoitado, a corda com que o amarraram, e a esponja por onde o fizeram beber vinagre – após a ressurreição, portando a mesma dignidade heroica e estrutura física clássica apresentadas em seu *Davi*.

Feito por encomenda de livre concepção artística, a primeira versão da estátua começou a ser feita pelo escultor florentino em 1515, porém, ele abandonou a peça quase no fim ao encontrar um defeito no mármore próximo ao rosto (a estátua foi terminada por outros artistas em 1521). A segunda versão foi feita às pressas e terminada por dois alunos de Michelangelo, mas impressionou a todos. Sebastiano del Piombo, importante pintor veneziano que foi referência

\*Ver edição do Davi.

para o escultor florentino, chegou a dizer que somente os joelhos da estátua já valiam mais do que toda a Roma. Veja: joelhos! Nada foi falado da nudez, ainda mais em um período onde o corpo e a mente do homem foram valorizados. Isso também nos mostra que existe uma diferença entre obras feitas por encomenda particular, por desejo autoral ou para local de culto, que pode alterar a representação da nudez.

Porém, no século seguinte, durante o período Barroco, quando ocorreram as “castrações” de obras de Arte\*, a nudez passou a ser considerada ofensiva e a segunda versão ganhou um manto de bronze para cobrir a genitália de Cristo. Parece que esqueceram as palavras do apóstolo Paulo, que, aconselhando a conflituosa congregação coríntia cheia, falou que as genitálias são partes honradas. Isso mesmo que você leu: honradas!

*Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis.*

*E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?*

*Assim, pois, há muitos membros, mas um corpo.*

*E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós.*

*Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários;*

***E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra.***

***Porque os que em nós são mais nobres não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela;***

*Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.*

*De maneira que, se um membro padecer, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.*

(1 Coríntios 12:18-26)



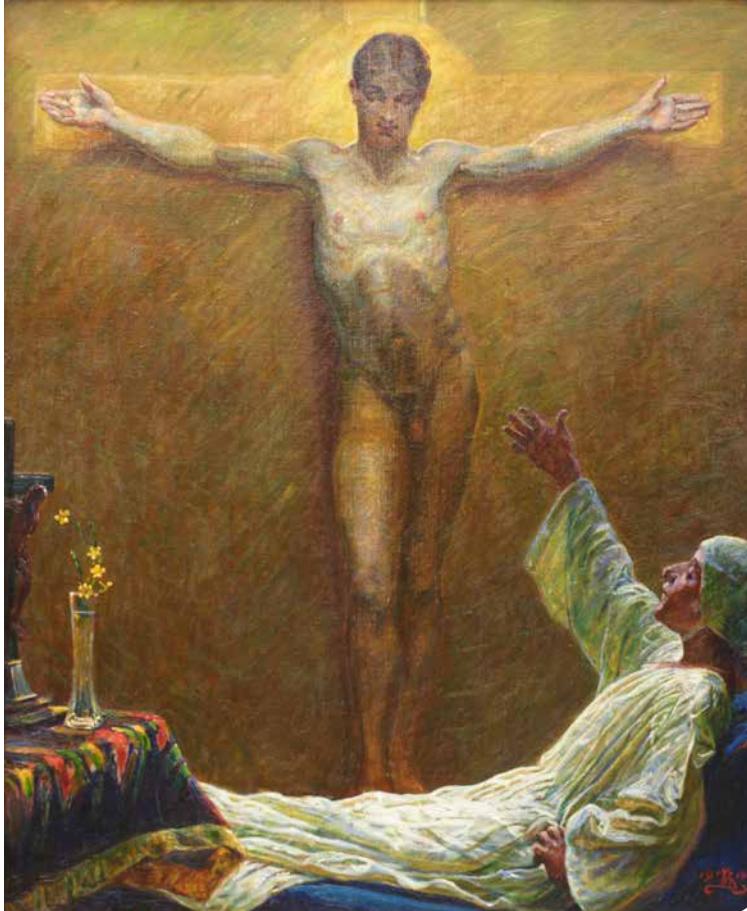
Anjos barrocos “mutilados” na Igreja e Convento de São Francisco em Salvador, Bahia, sobretudo aqueles que ficam ao alcance do olhar dos fiéis. (Foto: Frei Roger Brunorio)

\*Ver edição 6.

Ok, ele não usou o termo “genitália”, mas quais seriam as partes que reputamos serem menos honrosas ou decorosas do nosso corpo, não é? Não à toa, existe uma polêmica sobre Santa Catarina usar o PREPÚCIO de Cristo como aliança de um casamento místico entre eles\*.

O mesmo Barroco censor e castrador também usou a Arte com intensa dramaticidade em nome de um proselitismo teatral. Numa época onde um simples tornozelo causava excitações, obras de arte representando corpos nus de homens sempre bem torneados, suados, cabelos desgrenhados\* e sofrendo martírios em nome da fé eram perfeitas para criar pensamentos pecaminosos e – claro – culpa pelo desejo que levaria a rezas intermináveis e devoção cega.

Vários santos cristãos acabaram sendo retratados seminus mesmo quando seus martírios não os levassem a perder suas vestimentas. São Vicente, São Manuel, São Pantaleão, Santo André, São Sebastião e muitos outros tiveram seus corpos expostos e suas genitálias cobertas ou por um perizônio (short) ou um *subligaculum* (faixa). Essa seminudez também humaniza as figuras, torna-as reais, e as aproxima da figura de Cristo. Isso foi fundamental na construção de uma religião que se baseia na presença física do filho divino na Terra. A mesma religião que condenou a nudez desde os primeiros momentos bíblicos, já que no Gênesis a vergonha toma Adão e Eva depois do fruto:



\* No século 14, Catarina de Sena dedicou sua vida à Igreja após uma visão de Cristo onde ele lhe entrega um anel – visível somente para ela – e diz “Eu, teu Criador e Salvador, esposo-te na fé, que conservarás sempre pura, até quando vieres celebrar comigo no céu as tuas núpcias eternas”. Alguns dizem que foi um anel de ouro, outros cravejados de diamantes, mas, por estar relacionado à castidade que Catarina seguiu por ter sido “inflamada pelo amor divino”, existe a teoria mais, digamos, corpórea, de um orgasmo que teria levado à revelação (*Santa Catarina de Sienna*, óleo sobre tela de Kristian Zahrtmann, 1914).

\* Cabelos e barbas sim, mas pêlos no corpo são raríssimos de serem representados em figuras religiosas. Nem mesmo nos braços, pernas ou axilas. A provável razão para isso vêm das referências clássicas greco-romanas: os corpos eram representados sem pêlos para separar os homens dos animais. Os pêlos pubianos informavam que não era uma criança, assim como a barba informava a passagem para a fase adulta. A hagiologia cristã conta, por exemplo, sobre Santo Onofre, um eremita que usava seus longos cabelos e barba para cobrir sua nudez e foi confundido com um selvagem por seu discípulo Pafnútio no primeiro contato.



Ora, um e outro, o homem e sua mulher, **estavam nus e não se envergonhavam**. (Gênesis 2:25)

*Abriram-se, então, os olhos de ambos; e percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si.* (Gênesis 3:7)

*Ele respondeu: Ouvi a Tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?* (Gênesis 3:10-11)

*Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu.* (Gênesis 3:21)

Percebeu que a vergonha só surgiu após o consumo do fruto proibido? Que, portanto, Adão e Eva viviam livremente nus no Paraíso sem qualquer problema? A nudez passa a incomodar quando ela expõe a falha, o erro, a busca pelo (auto)conhecimento.

Vale lembrar também que a história bíblica revela que Cristo nasceu nu e puro. Na imagem que se vê em presépios, ele já está coberto para a apresentação aos pastores e aos reis.

*E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.* (Lucas 2:7)

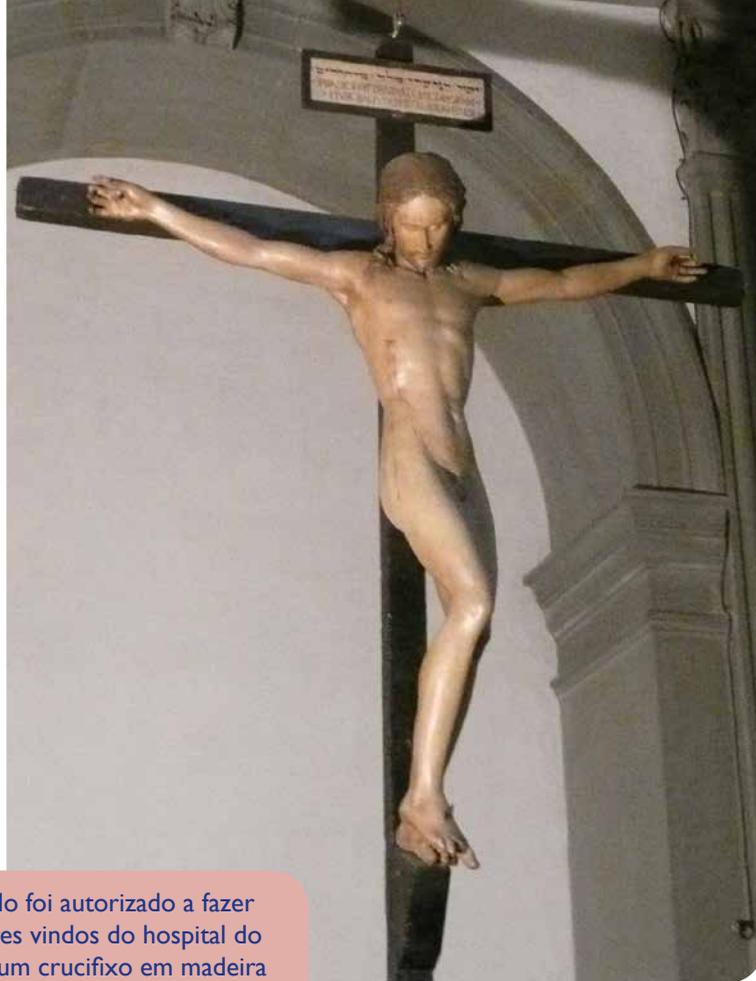
*Adoração dos pastores,* óleo sobre tela de Mattias Stom, c. 1650.



*Adão e Eva,* óleo sobre tela de David Teniers, o Jovem, c. 1665.

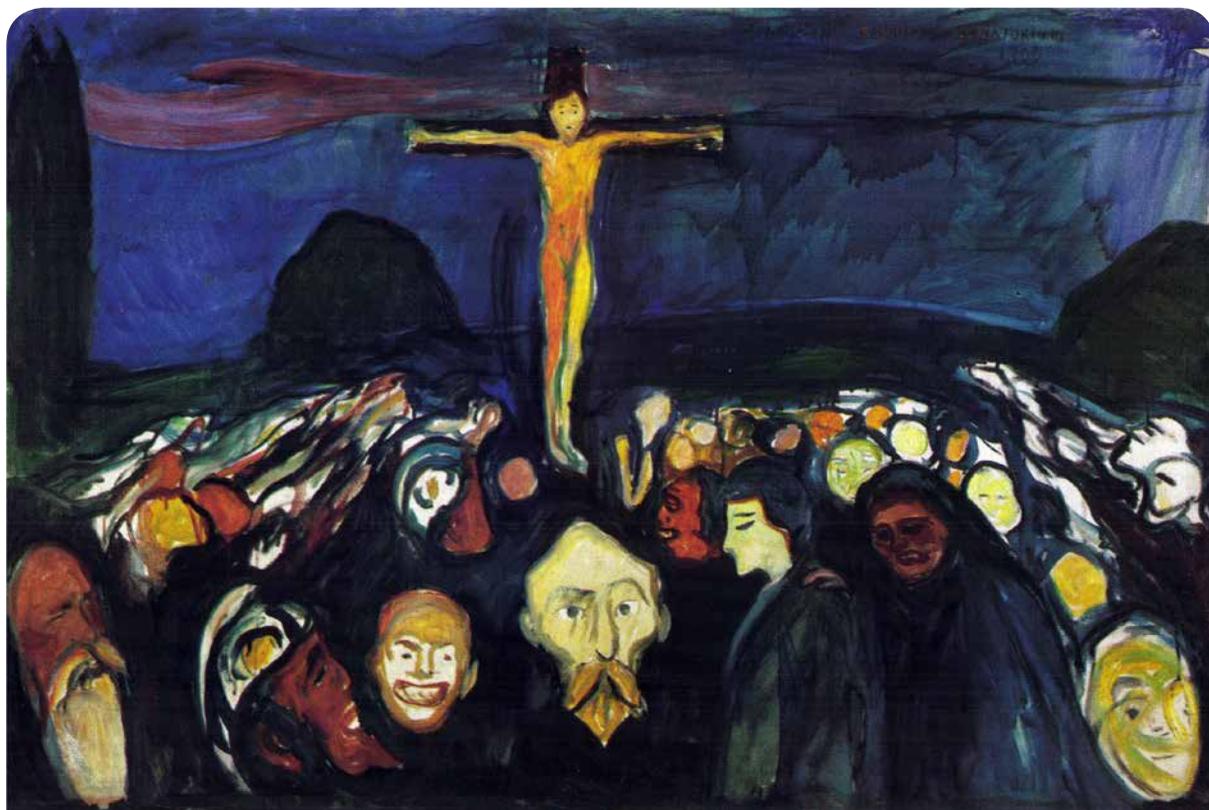
Esse mesmo Cristo morreu sofrido, expondo toda sua vulnerabilidade física, e nu. Isso mesmo: nu. O Evangelho de João (19:23) conta que os soldados TIRARAM as vestimentas de Cristo:

***Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes, e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura.***

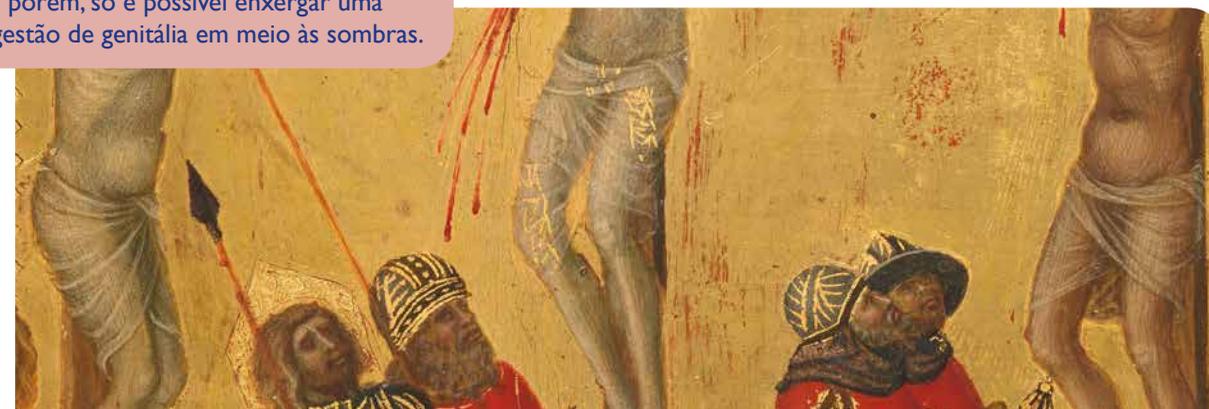


Aos dezessete anos, Michelangelo foi autorizado a fazer estudos anatômicos nos cadáveres vindos do hospital do convento. Em troca, ele esculpiu um crucifixo em madeira policromada com Cristo representado por um corpo pré-adolescente (1492). Hoje o crucifixo está em uma sacristia da Igreja de Santa Maria del Santo Spirito em Florença, Itália.

Gólgota, óleo sobre tela de Edvard Munch 1900.



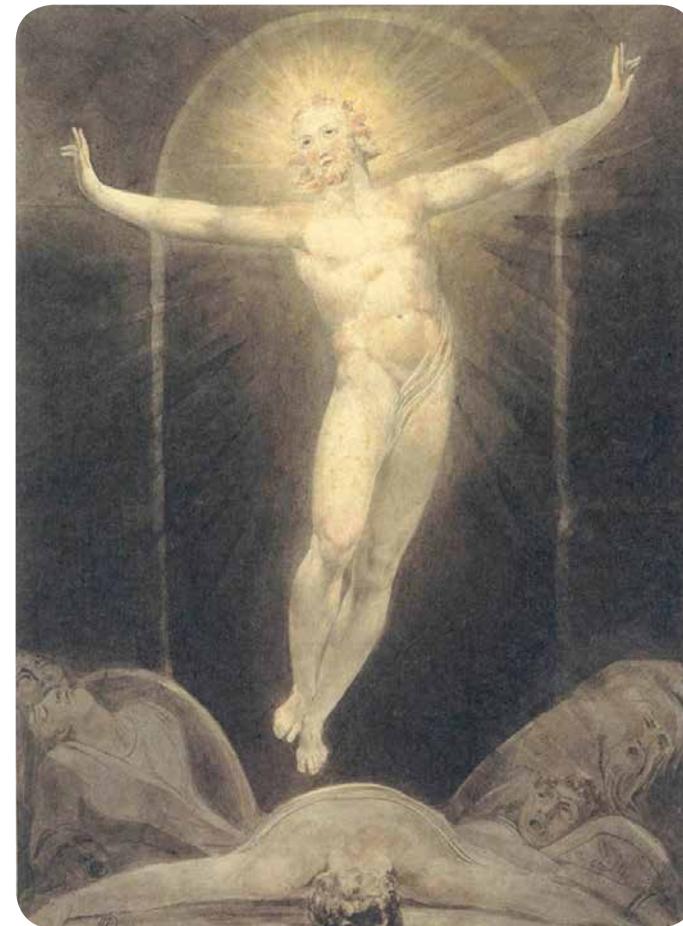
Na *Crucificação* de Pietro Lorenzetti (têmpera e folha de ouro sobre madeira, c. 1340), os perizônios de Cristo e dos ladrões, Dimas e Gestas, são transparentes, porém, só é possível enxergar uma sugestão de genitália em meio às sombras.



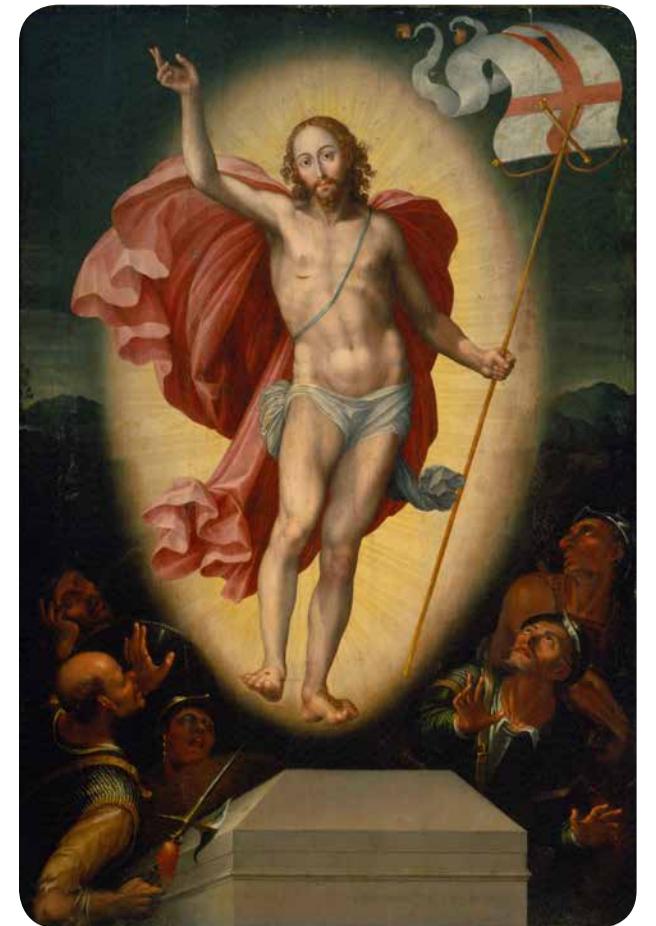


*A Lamentação sobre o Cristo Morto (1478)* é uma das mais notáveis pinturas (têmpera sobre tela) de Andrea Mantegna: foi o primeiro e único a apresentar Cristo deitado de frente para o observador, criando uma perspectiva particular e um enquadramento inovador. A composição posiciona o foco central no volume genital de Cristo com o objetivo de enfatizar a humanidade e a mortalidade de seu corpo.

Em João 19:40, ficamos sabendo que José de Arimateia e Nicodemos retiraram o corpo de Cristo da cruz e o envolveram em lençóis com especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro. Nada é falado de vestimentas (muito menos do famoso Santo Sudário, a mortalha que teria coberto o corpo inerte de Cristo).



*A ressurreição*, aquarela de William Blake, 1805.



*A ressurreição de Cristo*, óleo sobre madeira de Alonso López de Herrera, c. 1625.

Nada também é falado sobre roupas no Cristo ressurreto. Ele aparece várias vezes após a ressurreição e, apesar de ter sido confundido com um jardineiro e um pescador, não há descrição alguma de roupas na Bíblia. Aliás, para quê precisaria de roupas se almas já se desprenderam das questões do corpo, não é mesmo\*? Mas é claro que a igreja não poderia imaginar sua principal figura andando peladona passando recado por aí.

Ou poderia? Ou deveria?

Afinal, nossa nudez e nossas genitálias nos tornam humanos.

E divinos. **8=D**

\* O filósofo e teólogo franciscano francês Bernard Forthomme lembra que o homem estava nu antes e com o passar do tempo cobriu-se de hábitos, vestes, ações e bens: "A nudez significa esta simplicidade que nos torna objeto de uma visita de Deus em pessoa, inclusive na forma de Cristo, na nudez de uma criança que nasce e de um suplício a morrer no alto da cruz. Nudez, pobreza. A nudez nas mãos de Deus não provoca vergonha. Os que estão "nus" diante de Deus são os pobres que não necessitam se esconder quando o Senhor passeia pelo paraíso no fim da tarde.

Agradeço ao Frei Roger Brunorio pela troca aberta e generosa de ideias, conceitos e livros sem julgamentos.



Guilherme Corrêa convida Leandro Tupan

FALÓFORO



Foto sobreposta: Leandro Tupan. | Modelo: Fabio Mariano Borges.





Guilherme Corrêa convida Leandro Tupan

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa. | Modelo: Flavio B.



## Almanaque do Pênis Brasileiro

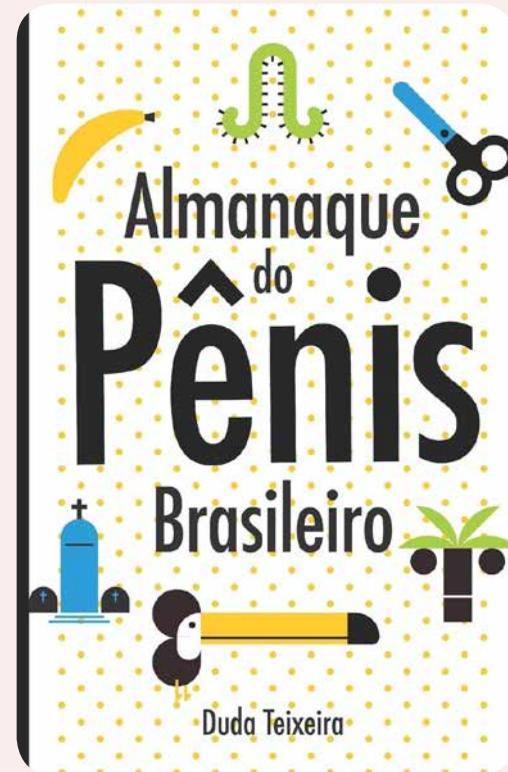
de Duda Teixeira (2019)

Com um título desse, era óbvio que esse livro ia ter uma resenha por aqui! O escritor e jornalista Duda Teixeira afirma que o **Almanaque do Pênis Brasileiro** é o primeiro e maior almanaque sobre o pênis brasileiro que existe. Não duvido já que o assunto é praticamente inexistente nas prateleiras das livrarias sejam elas comuns ou acadêmicas.

Resultado de um trabalho de investigação que durou cinco anos – após uma vasectomia que o levou a estudar –, o livro aborda assuntos importantes como anatomia e formação genética, sexo de pessoas com deficiência e masturbação, mas também curiosidades como as genitálias e maneiras sexuais de alguns animais, porque os cangaceiros cortam os testículos de suas vítimas ou se afrodisíacos realmente funcionam. Tentou entender também os problemas nos vestiários, nas praias de nudismo, na internet ou na prisão.

Claro que o assunto que mais aparece é o tamanho. O autor buscou respostas para o micropênis, para o pênis do anão, para a atrofia com o uso de anabolizantes, qual a relação do tamanho com a função, com a posição e até mesmo se alguma outra parte do corpo indica os centímetros que um homem carrega dentro das calças.

O autor diz que conversou com padre, preso, travesti, naturista, ator pornô, acadêmico, rabino, prostituta, urologista, sociólogo, psicólogo e uma infinidade de pessoas de especialidades diversas, como um criador de codornas e um entomologista japonês. Meu único porém fica com relação ao tratamento dado para a comunidade LGBTQIA+. Em alguns momentos, o texto parece distante e superficial. Por exemplo, tentar descobrir porque gays gostam de pênis grande ou porque gays trocam fotos de pintos pelo celular como se isso fosse uma exclusividade gay. Até parece que mulheres ou pessoas trans não curtem pênis grande e que gays não podem curtir outros tamanhos de pênis.



Capa do almanaque.

Ao falar da comunidade trans, ele parece ser mais polido e profundo nas pesquisas. Entretanto, é preciso ter cuidado quando se usa referências médicas para falar sobre determinados assuntos já que urologistas e ginecologistas parecem não estar preparados para lidar com as novas identidades de gênero e orientações sexuais. Não é só porque tem um diploma de médico que sabe o que está falando (vide situação brasileira com o Covid e os medicamentos que não servem para o tratamento).

Em geral, o livro é bem interessante e serve como um “Bem-vindos ao Mundo do Pênis!” que desmistifica uma série de invenções e lendas e, conseqüentemente, abrindo a cabeça dos mais incautos. **8=D**

### Alguns itens do sumário:

- Por que o pênis humano é assim?
- Como o bilau evolui com a idade?
- A distorção da lente pornográfica.
- Como ocorre a ereção?
- O que é o tesão de mijão?
- Por que o pinto encolhe com o susto?
- Por que a bola esquerda é maior?
- Por que os homens coçam o saco?
- Zumbi que teve o pênis decepado e colocado na boca.
- Como as religiões encaram a punheta e a poluição noturna?



NOTA DO EDITOR:  
Muitos dos assuntos abordados no livro já apareceram aqui na *Falo*, mas vou até revisá-los.





## É preciso aprender a deixar ir...

### ○ amor que deu certo...

*O relacionamento que foi incrível durante boa parte do tempo, mas que por múltiplos motivos não funciona mais. A paixão vem e passa, e tudo se transforma em amor... ou não.*

*Algumas pessoas se vão porque o tempo delas conosco acabou. Outras se vão porque simplesmente não querem ou conseguem permanecer.*

*Não é fácil aceitar que não dá mais certo, mas é necessário.*

## A mãe que te colocou no colo...

*Para Freud, temos nossas mães como primeiro objeto amoroso, estruturando com elas um apego muito forte, um vínculo singular de amor e afeto. No entanto, o destino desse amor assume formas diferentes com o decorrer do tempo (como acontece com todas as relações humanas).*

*Passamos de totalmente dependentes dos nossos pais para seres independentes. Evoluímos e nossos pais muitas vezes estão tão presos no que eles acreditam ser o melhor pros filhos que esquecem que o filho precisa tropeçar, cair e levantar como num loop infinito.*

*Nossos pais com a melhor das intenções podem dizer o que é melhor pra gente, mas somente cada um vai entendendo o que é melhor pra si.*

## A juventude...

*Se você fechar os olhos e se lembrar da sua infância e início da adolescência é possível que recorde como tudo parecia mais simples e você era rodeado de projeções de um futuro incrível.*

*Se tornar adulto esmaga muitos dos nossos sonhos e idealizações, mas sendo a ordem natural da vida, não há como fugir disso.*

*As lembranças ficam, mas tudo evolui.*

*Ou evoluímos e aceitamos que a juventude passa ou ficamos presos cultivando a falsa ideia de que “no meu tempo é que era bom...” sendo que muitas vezes isso não passa de um passado romantizado que não existe mais (e talvez nem tenha existido de forma tão maneira quanto nossas memórias parecem “lembrar”).*

## A felicidade...

*Você deve estar questionando agora: “como assim deixar ir a felicidade, psicólogo?”*

*É duro, mas os momentos felizes também são passageiros. Não existe felicidade plena e que dura para sempre. Se ficamos presos a períodos felizes que não estão mais no presente tendemos a adoecer. Precisamos criar outros momentos felizes com a realidade do agora.*

*Se você parar pra pensar passamos a maior parte do tempo fazendo coisas do dia a dia como estudar e trabalhar e não tem como estar feliz o tempo inteiro com um monte de responsabilidades. Fotos de viagens e lazer no Instagram representam o mesmo que um álbum de fotografias de papel: m-o-m-e-n-t-o-s.*

## Aquilo que ainda dói...

*De todas as coisas ditas nesse texto talvez essa seja a mais difícil de abandonar.*

*Como “esquecer” quem te machucou? O bullying que você sofreu na escola? A rejeição da família sobre sua orientação sexual ou reprovação de suas escolhas profissionais? O preconceito que alguém sofreu por conta da cor da pele? O namorado ou a namorada que te traiu?*

*Pois é, trauma é algo que modifica o ser humano profundamente e para todo o sempre, mas até isso é necessário deixar ir. E deixar ir aqui não simboliza esquecer, isso é impossível, mas ressignificar ao seu favor, pelo seu bem e de sua saúde mental.*

*Você foi vítima da dor, mas manter-se permanentemente vítima dela deprime, sufoca, angustia, enlouquece. Tem algo novo sempre à frente, mas fica difícil aproveitar o que há de novo se você está preso a coisas ruins que aconteceram.*

*Ressignifique. Busque ajuda. Como você vai conseguir voar se está preso a pessoas ou situações que cortaram suas asas?*

**A vida é um eterno equilíbrio entre ter e deixar ir.**



Garota com o balão, grafite de Banksy, 2002.



# benfeitoria

SEJA MAIS SEJA UM COLABORADOR!

[www.benfeitoria.com/falomagazine](http://www.benfeitoria.com/falomagazine)

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

SEJA AMIGO | R\$10 / mês

SEJA PARCEIRO | R\$15 / mês

SEJA VIP | R\$20 / mês

SEJA PATRONO | R\$50 / mês

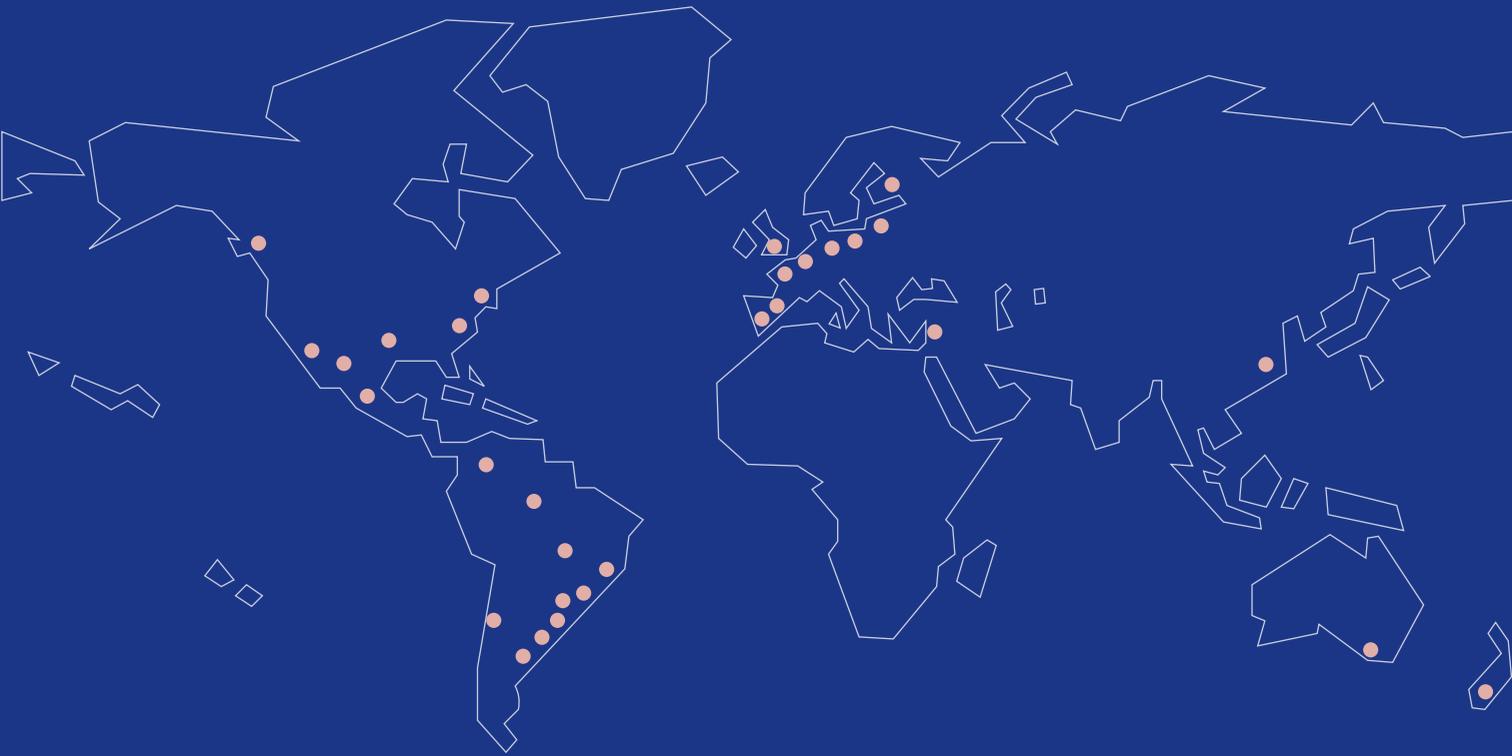
www

**Obrigado a vocês  
que acreditam na  
revista e no poder  
transformador da Arte!**

**Alcemar Maia, Alexandre Teixeira,  
Edgar Silva, DUOCU, Fabio Ibiapina,  
Gabriel França, Giovanni Ravasi, Luís  
Gustavo Silva, Marcelo Reider, Orlando  
Amorim, Rafael Nogueira, Silvano  
Albertoni e anônimos!**



Modelo: Ricardo Nedra. Foto: Autorretrato.



# FALD

ISSN 2675-018X  
falonart@gmail.com

